



vida pastoral

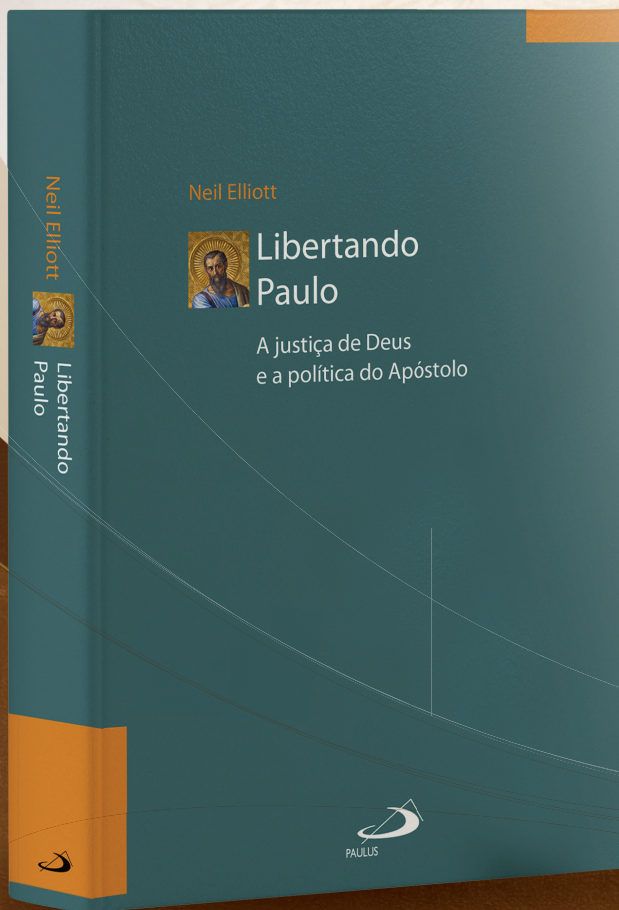
maio-junho de 2024 – ano 65 – número 357



ANIMAÇÃO BÍBLICA DA PASTORAL

a palavra de Deus no centro da vida da Igreja

RUMO À LIBERTAÇÃO DE PAULO



Ao longo da história, Paulo foi muitas vezes usado como arma para reforçar a vontade dos donos de escravos, ou para legitimar a violência contra as mulheres, os judeus, os homossexuais, os pacifistas e outras minorias. É justamente contra esse tipo de leitura de Paulo e de seus escritos que se dirige o presente livro, de modo que ele seja libertado das amarras que o mantinham ligado a sistemas opressores e de morte.

loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 08000-164011
WhatsApp: (11) 99974-1840
assinaturas@paulus.com.br
f @ @editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!


PAULUS

Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

O Bem-aventurado Tiago Alberione (1884–1971), fundador da Pia Sociedade de São Paulo – Paulus (1914) – e da Família Paulina, instituiu na Igreja um carisma que tem sua razão de ser no amor à Palavra de Deus, na sua vivência e anúncio. Inspirado no apóstolo São Paulo, Alberione desejava que a Palavra corresse veloz. “Para que a Palavra do Senhor se espalhe rapidamente” (2Ts 3,1). Por isso, intuiu que a melhor forma de fazer a Palavra correr rapidamente seria utilizando-se dos meios de comunicação. Hoje, diríamos “na cultura da comunicação”. No seu tempo, isso significava a imprensa, o rádio, o cinema etc. De olho no horizonte, ele percebeu que a Igreja tinha a obrigação de fazer bom uso da tecnologia da comunicação emergente.

Tiago Alberione, desde cedo, sentiu-se “obrigado a se preparar para fazer algo de bom pela humanidade”. Sim, porque não bastaria entrar no ritmo de um ativismo sem bases espirituais profundas. Para as coisas de Deus se exige sempre o maior zelo e profundidade. Isso Alberione o fez com afinco.

Tendo a missão principal de evangelizar na cultura da comunicação, Alberione antecipa o que mais tarde fará o Concílio Vaticano II (1962–1965), especificamente com o decreto *Inter Mirifica*: “A Igreja católica, fundada por nosso Senhor Jesus Cristo para levar a salvação a todas as pessoas, e por isso mesmo obrigada a evangelizar, considera seu dever pregar a mensagem de salvação, servindo-se dos meios de comunicação social, e ensina as pessoas a usar retamente estes meios” (IM 3).

Para viver, comunicar e proclamar a Palavra de Deus, são necessários estudos, meditação e coração aberto, de modo que essa Palavra seja semente lançada em terra boa (Mt 13,8.23).

Este número de *Vida Pastoral* é um contributo à animação bíblica da pastoral. Toda pastoral deveria estar permeada pela Palavra de Deus. Por isso, é fundamental insistir com a novidade do desejo de Tiago Alberione, tão incentivado pelo Concílio Vaticano II: “Deus dispôs amorosamente que permanecesse íntegro e fosse transmitido

a todas as gerações tudo quanto tinha revelado para salvação de todos os povos” (DV 7).

Se, no tempo de Alberione, o grande desafio era conceber a imprensa como projeto de verdadeira evangelização, para nós, hoje, o ambiente digital e suas redes constituem campo fértil e não menos desafiador para a comunicação da Boa Notícia. Certamente o ambiente em que mais se trai e se deturpa a Palavra de Deus são as redes sociais digitais. Ali se camufla versículo bíblico com *fake news* e, ao invés do amor e da verdade, frequentemente imperam o ódio e a mentira. O problema, porém, não é das redes em si. Sabe-se que há uma indústria – a propósito, com altos patrocínios – para disseminar maldades e lucrar à custa de mentes anestesiadas.

Sem saudosismo, há boas práticas do passado que ainda persistem de forma reduzida e podem intensificar a riqueza da Palavra de Deus em nossas comunidades – por exemplo, os círculos bíblicos. Em épocas em que as oportunidades eram bem menores, o povo, em torno da Palavra, fazia a experiência de Deus e da alegria da vida comunitária.

Pe. Alberione viu em Paulo apóstolo a inspiração para levar adiante seu projeto de “boa imprensa”. Nisso consiste o ponto de partida de um novo jeito de ser Igreja. O apóstolo colocava Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado, no centro. Esse também deveria ser nosso modo de ser na pastoral. “Sem o Senhor, que nos introduz na Sagrada Escritura, é impossível compreendê-la em profundidade; mas é verdade também o contrário, ou seja, que, sem a Sagrada Escritura, permanecem indecifráveis os acontecimentos da missão de Jesus e da sua Igreja no mundo” (papa Francisco, *Aperuit Illis*, n. 1)

O entusiasmo de Alberione pela comunicação da Boa Notícia e sua paixão pelo apóstolo Paulo no anúncio do Divino Mestre sejam inspiração para a animação bíblica da pastoral em nossas comunidades.

Boa leitura!

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Editor

vida pastoral

Revista bimestral para sacerdotes
e agentes de pastoral

Ano 65 - Nº 357
maio-junho de 2024



PAULUS

© PAULUS – 2024
Pia Sociedade de São Paulo
Rua Francisco Cruz, 199
04117-091 – São Paulo - SP
paulus.com.br
ISSN – 0507-7184

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp

Editor

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp

Redação

vidapastoral@paulus.com.br

Conselho editorial

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Pe. Darci Luiz Marin, ssp
Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp
Pe. Paulo Sérgio Bazaglia, ssp

Imagens

Romolo Picoli Ronchetti

Diagramação

Filipe Silva Ribeiro dos Santos

Revisão

Alexandre S. Santana
Tatianne Francisquetti
Tiago José Risi Leme

Impressão - PAULUS

Versão digital

vidapastoral.com.br



Periódico de divulgação científica.

Área:

Humanidades e artes.
Curso: Teologia.

Sumário

A PALAVRA DE DEUS: FONTE DE TODA PASTORAL..... 4
Pe. César de Jesús Buitrago López

A PALAVRA DE DEUS NO CENTRO DA VIDA DA IGREJA:
UMA MISSÃO CONFIADA À ANIMAÇÃO BÍBLICA
DA PASTORAL..... 10
Pe. Tarlei Navarro

A PASTORAL E A ANIMAÇÃO BÍBLICA DA PASTORAL:
PERSPECTIVAS E PROPOSTAS
PARA UM MINISTÉRIO VIVO E EFICAZ..... 20
Pe. João dos Santos Barbosa Neto, sdb

A IMPLEMENTAÇÃO DA ANIMAÇÃO BÍBLICA
DA PASTORAL À LUZ DA EXORTAÇÃO
VERBUM DOMINI 29
Ir. Izabel Patuzzo, pime

ROTEIROS HOMILÉTICOS 37
Ir. Izabel Patuzzo, pime

Assinaturas

- Distribuição gratuita nas Livrarias PAULUS (1 exemplar por pessoa);
- Envio gratuito para as paróquias que fizerem o cadastro, a ser renovado anualmente (1 exemplar de cada edição por paróquia);
- Para receber em casa, basta fazer uma contribuição de 30 reais.
- O acesso ao *site* continua inteiramente gratuito: www.vidapastoral.com.br

Para contato:

paulus.com.br/loja

(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11

(11) 99974-1840

assinaturas@paulus.com.br

@editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44, 45, 78, 79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de Setembro, 61 – Campina (91)
3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BOA VISTA – RR

Avenida Ville Roy, 5011 – sala 01
Centro
(95) 3212-5340 / 98122-0040
boavista@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco I
Edifício Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINA GRANDE – PB

Rua Afonso Campos, 233 – Centro
(83) 3182-0659 / 99956-0020
campinagrande@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguará, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilhos, 2029
(54) 3221-8266
caxias@paulus.com.br

COTIA – RAPOSO TAVARES

Av. das Acácias, 58 – Jd. da Glória
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

GUARAPUAVA – PR

Rua XV de Novembro, 7466 - Lj. 1
(42) 9926-0224
guarapuava@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de
Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MACEIÓ – AL

Rua Barão de Alagoas, 32 – Centro
(82) 3142-0544
maceio@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21 – Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75 – Barris
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 / 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

TERESINA – PI

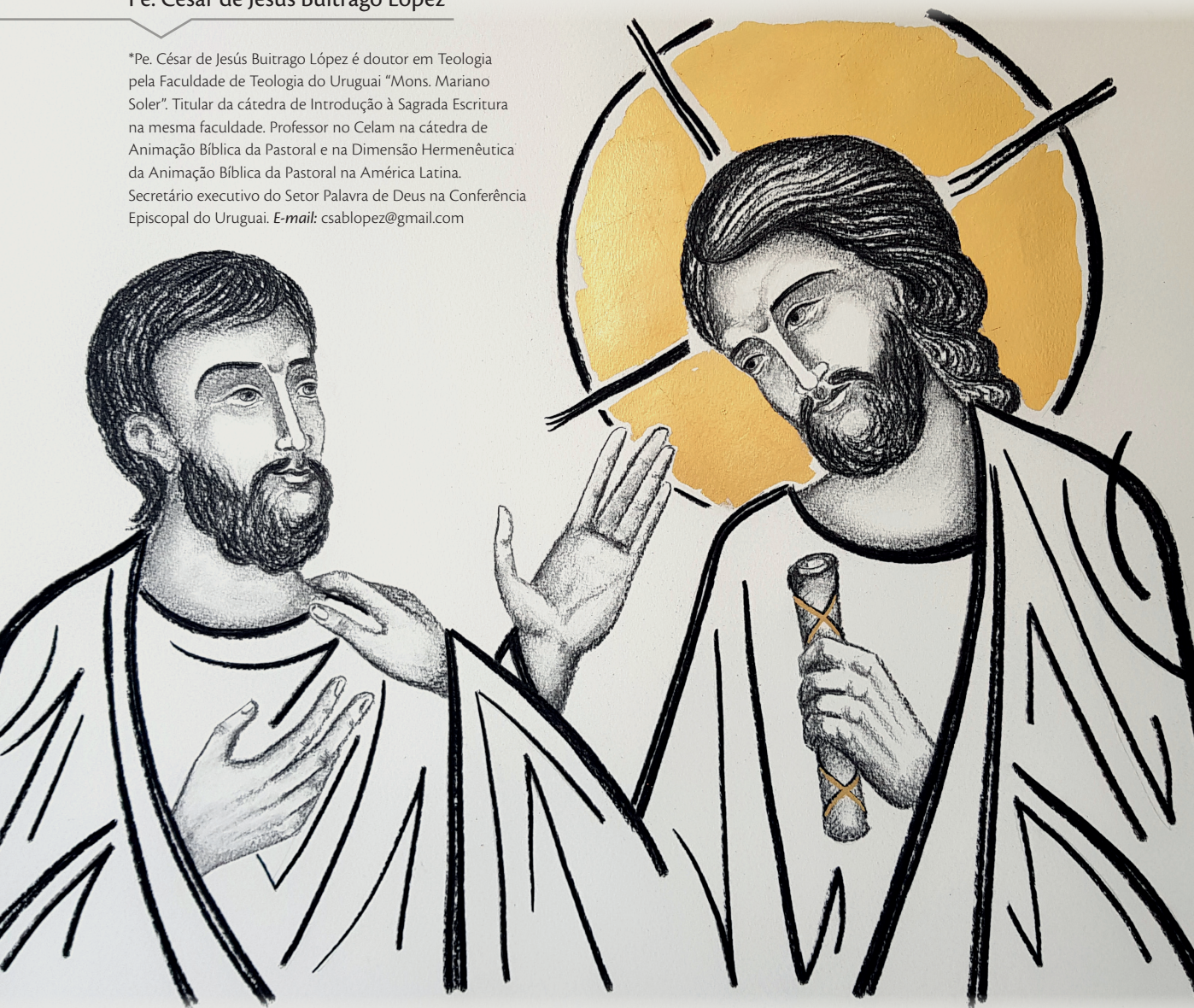
Rua Rui Barbosa, 45 – Centro
teresina@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br

Pe. César de Jesús Buitrago López*

*Pe. César de Jesús Buitrago López é doutor em Teologia pela Faculdade de Teologia do Uruguai "Mons. Mariano Soler". Titular da cátedra de Introdução à Sagrada Escritura na mesma faculdade. Professor no Celam na cátedra de Animação Bíblica da Pastoral e na Dimensão Hermenêutica da Animação Bíblica da Pastoral na América Latina. Secretário executivo do Setor Palavra de Deus na Conferência Episcopal do Uruguai. *E-mail:* csablopez@gmail.com



A PALAVRA DE DEUS

fonte de toda pastoral

O artigo expõe, de forma sucinta, a importância que a Palavra de Deus tem na vida e missão da Igreja. Apresenta como a Palavra de Deus constitui uma realidade fontal para todas as pastorais, sustentando-as, uma vez que não é considerada apêndice de uma pastoral específica, mas sim a alma de qualquer ação evangelizadora.

1. A PALAVRA DE DEUS: FONTE DE TODA PASTORAL

Na Igreja, existe grande convicção que não advém apenas do raciocínio humano, mas sobretudo da própria revelação: tudo foi criado e existe pelo Logos, pela Palavra de Deus (cf. Gn 1; Jo 1). A Igreja, fundamentada na Palavra de Deus, nasce e vive por meio dela. Toda a história é um testemunho vivo de como o povo de Deus encontrou nessa Palavra sua força e ponto de partida, sempre que precisa se renovar.

É importante destacar que, ao se referir à Palavra de Deus, não se está falando do texto escrito (os 73 livros do cânon católico), mas sim de uma pessoa, a segunda pessoa da Santíssima Trindade, a Palavra que é Jesus Cristo. Portanto, é possível afirmar que a Palavra de Deus não se identifica propriamente com a Bíblia. Esta contém a Palavra de Deus, mas a Palavra de Deus transcende o livro. Não se deve confundir o livro (a Bíblia) com a Palavra de Deus.

2. A BÍBLIA OU A PALAVRA DE DEUS É O FUNDAMENTO DE TODA PASTORAL?

Costuma-se confundir a Bíblia com a Palavra de Deus ou referir-se indistintamente a ambas. Uma vez que o propósito desta reflexão é esclarecer que somente a Palavra de Deus é um fundamento perene e válido para qualquer ação pastoral, faz-se necessário, portanto, apresentar breve distinção entre o que entendemos por Bíblia e por Palavra de Deus.

O termo “Bíblia”, de origem grega (plural de *biblion*, “papiro para escrever” e também “livro”), literalmente significa “os livros”. O vocábulo passou do grego para o latim e, por meio deste, para as línguas ocidentais, já não como um nome no plural, e sim como um singular feminino: a Bíblia, ou seja, o livro por excelência. Com esse termo, passou a ser usado para referir-se à coleção de escritos reconhecidos como sagrados pelo povo judeu e pela Igreja cristã.

A Bíblia é composta de 73 livros sagrados que foram inspirados pelo Espírito Santo. Eles comunicam, de forma imutável, a palavra do próprio Deus e fazem ecoar a voz do Espírito Santo nas palavras dos profetas e dos apóstolos. Nos livros sagrados, o Pai que está nos céus se dirige com amor aos seus filhos e fala com eles (BENTO XVI, 2010).

Pode-se afirmar decisivamente que a Palavra de Deus é a pessoa divina do Filho enquanto expressa por Deus de maneira humana (encarnação) e cujo conteúdo está intrinsecamente relacionado com o próprio ser e desejo de Deus para a humanidade, ou seja, com sua verdade salvífica (revelação que salva). Essa Palavra é a Palavra definitiva de Deus (BENTO XVI, 2010), não apenas porque Ele se revela a si mesmo de uma vez por todas (dimensão escatológica), mas também porque Ele se revela a si mesmo de modo total ou absoluto em Cristo (dimensão cristológica). Portanto, a Palavra de Deus é a presença solícita de Deus em seu Filho feito homem, com a intenção de comunicar, em categorias humanas e para os seres humanos, seu ser e desejo salvífico.

O Logos existe antes, durante e depois do livro (a Bíblia). Portanto, a Palavra de Deus contida na Escritura é chamada a ser a alma de toda a pastoral, ou a seiva que enche a Igreja de vitalidade e infunde em todos os discípulos-missionários autêntica experiência de ressurreição.

3. A PASTORAL NA IGREJA TEM COMO FONTE A PALAVRA DE DEUS

A centralidade da Palavra de Deus desempenha um papel fundamental na vida da Igreja: a Igreja vive da Palavra de Deus, escuta-a, celebra-a, põe-na em prática. A fidelidade à Palavra é fonte e critério de autenticidade de toda ação pastoral. No entanto, é necessário compreender claramente o que a tradição cristã

“A Igreja, fundamentada na Palavra de Deus, nasce e vive por meio dela.”



sempre entendeu pelo adjetivo “pastoral”. Sua etimologia, tanto na Septuaginta quanto no Novo Testamento, é expressa pelo substantivo grego *poimên*, designando como pastor toda pessoa que cuida do gado, seja maior ou menor. Em sentido metafórico, refere-se àquele que conduz ou guia uma comunidade (GARCÍA SANTOS, 2015, p. 698).

Por sua vez, o verbo *poimaino* aparece na tradução da Septuaginta e no Novo Testamento com o significado de pastorear, guiar o gado para lugares de água e alimento. Em sentido figurado, significa conduzir, liderar um povo ou grupo de pessoas. Na tradição cristã, sempre foi entendido como guiar aqueles que estão confiados ao nosso cuidado para a vida de Deus. O sentido e o valor de toda a pastoral na Igreja é ser a mediação dessa vida divina para todos os homens e mulheres.

Toda a tradição bíblica evidencia que o exercício da pastoral se refere ao pastoreio de Deus. O próprio Deus se apresenta como o primeiro pastor na revelação divina ao conduzir seu povo do Egito até a Terra Prometida. Deus se revela como o pastor, aquele que é, aquele que está (Ex 3,14-15). A pastoral, nesse sentido, é dar seguimento ao projeto original de Deus; acompanhar as jornadas da humanidade, dos seus desertos a uma terra mais fértil.

O Sl 23 se torna, portanto, muito revelador. O orante israelita, mediante duas imagens – a do pastor (v. 1-4) e a do anfitrião

(v. 5-6) – e tendo como pano de fundo a pergunta: “O que o Senhor faz por mim?”,¹ apresenta todo o cuidado do qual é objeto por parte do pastor.

O pastor (v. 1-4) oferece confiança para todas as situações da vida, por mais adversas que sejam. Isso é expresso pelo “nada me falta”, pelo fato de ele me fazer “descansar em verdes pastos”, “beber de fontes tranquilas”, “recuperar minhas forças”, “caminhar pelo caminho certo”. Além disso, a segurança é garantida, pois “seu cajado e sua vara” me protegem.

Com a imagem do anfitrião, fica evidente a abundância do dom que o pastor concede às suas ovelhas, além do triunfo sobre os inimigos que as espreitam. Agora estão seguras, e seus inimigos só podem observá-las de longe, sem poder feri-las. A imagem do pastor se atenua e dá lugar aos símbolos do pão, do vinho, do óleo perfumado, todos eles sinais exteriores de acolhimento, de hospitalidade.

No Novo Testamento, Jesus declara que não é apenas alimento abundante, mas, como um bom pastor, ele dá a vida pelas suas ovelhas (Jo 10,11); a relação é de mútuo conhecimento (Jo 10,14), elas conhecem a voz do pastor (Jo 10,4.16). Portanto, se a palavra “pastoral” deriva dessa terminologia, isso significa que a própria “pastoral” não está voltada exclusivamente para oferecer serviços religiosos, mas, antes de tudo, para estabelecer uma relação com Jesus, para facilitar o encontro com o pastor, para dar vida. Portanto, qualquer pastoral que não esteja enraizada na fonte da Palavra de Deus ou – o que é o mesmo – na pessoa de Jesus não transmitirá vida verdadeira.

¹ Para o hebreu, a relação com Deus não é uma relação sentimental. O afeto não é expresso de maneira sentimental, mas por meio de ações, do cuidado um com o outro (VINE, 1998, p. 199).

A pastoral na Igreja tem Cristo como cabeça. O conceito paulino de “cabeça” (Cristo-cabeça do corpo que é a Igreja) significa, em primeiro lugar, o poder que Ele exerce sobre todo o corpo: um poder supremo, a propósito do qual lemos, na carta aos Efésios, que Deus “sob seus pés sujeitou todas as coisas e o constituiu cabeça suprema da Igreja” (Ef 1,22). Como cabeça, Cristo transmite à Igreja sua vida divina, para que ela cresça “em tudo naquele que é a Cabeça, Cristo, de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta, segundo a justa operação de cada parte, efetua o seu crescimento para edificação de si mesmo em amor” (Ef 4,15-16).

Como cabeça da Igreja, Cristo é o princípio e a fonte de unidade entre todos os membros do corpo (Cl 2,19) e, por essa razão, o Verbo encarnado deve ser a fonte que origina e vivifica todas as iniciativas pastorais propostas no corpo (a Igreja) para a salvação dos seres humanos. São necessários, portanto, agentes pastorais animados pela Palavra de Deus.

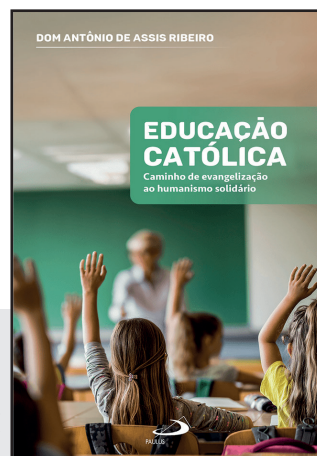
A pastoral inspirada na Palavra de Deus não se limita a oferecer noções ou ideias sobre Jesus e seu Reino, mas seu desejo é colocar no centro a pessoa de Jesus ressuscitado, para que a experiência desse encontro seja encantadora e nunca indiferente. Sempre haverá algum tipo de reação ou resposta. Temos no Evangelho exemplos de alguns personagens: Nicodemos (cf. Jo 3,1-21), a Samaritana (cf. Jo 4,1-12), Zaqueu (cf. Lc 19,1-10) e também Paulo, que declara que não é mais o mesmo após o encontro com o Senhor. Eles se tornaram “agentes pastorais” profundamente marcados por esse encontro.

4. A PALAVRA DE DEUS UNE E HARMONIZA A AÇÃO EVANGELIZADORA NA IGREJA

Quando a pastoral na Igreja é assumida na perspectiva da centralidade da Palavra de Deus, é compreensível que, se Cristo é

Educação Católica: Caminho de evangelização ao humanismo solidário

Dom Antônio de Assis Ribeiro



Imagens meramente ilustrativas.

Este volume, escrito de forma simples e clara, é dirigido a todos os que atuam no ministério da educação católica, oferecendo orientações práticas para serem desenvolvidas através da Pastoral da Educação e na formação continuada de educadores, buscando diversas maneiras de mantê-los atualizados para o contexto e desafios atuais.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

a cabeça e todos nós fazemos parte de seu único corpo, a unidade deveria ser então uma consequência natural. Essa unidade não é uniformidade, mas uma unidade vital, assim como a unidade diferenciada e harmoniosa das diversas partes de um ser vivo, em que cada órgão contribui com sua função para o bem da totalidade.

Portanto, não se trata da soma de atividades paralelas, mas sim da participação e derivação vital da ação pastoral de Cristo, o bom pastor, com seu Espírito, em um projeto comum, no qual diferentes ações (catequese, liturgia, pastoral familiar, juvenil, vocacional) convergem para um único objetivo – a vida plena e frutífera neste mundo e a certeza da salvação eterna.

A ação pastoral decorre de modo harmonioso quando a teologia paulina de Cristo como cabeça da Igreja é conscientemente assumida; essa teologia é respondida por meio da prática de uma pastoral orgânica. Justamente a Animação Bíblica da Pastoral deve ser entendida como aquela força interior, aquele princípio vital-espiritual (alma) que, de dentro para fora, move e inspira todas as iniciativas na Igreja para que ela continue a ser neste mundo um sacramento de salvação. Por isso, já não é entendida como uma pastoral bíblica, mas como o próprio coração da vida da Igreja. Ademais, dado que o coração humano está sempre em plena atividade mediante seus dois movimentos – sístole e diástole –, de forma similar se desenvolve a ação que o Verbo encarnado exerce desde sempre na Igreja. É sua Palavra que suscita qualquer ação pastoral, a sustenta e a torna frutífera em um ritmo vital contínuo que, como a sístole e a diástole, leva a Igreja a se recolher para depois se dispersar, a se reunir para sempre se sentir uma Igreja em constante saída.

Na pastoral orgânica, fundamentada na eclesiologia da comunhão, a Palavra de Deus adquire um significado singular.

Ela é fontal, pois contém a revelação de Deus. Disso decorre que nenhuma ação da Igreja deve prescindir dessa fonte. Pode-se dizer que, quando a Palavra de Deus é retirada de uma pastoral, ela é privada de vida e, portanto, da capacidade de gerar vida.

Dentro da pastoral orgânica, a Palavra de Deus precisa realmente ser o fundamento e origem de todas as pastorais. Não é possível compreender nenhuma ação evangelizadora na Igreja que não beba da fonte da Palavra. Nenhuma pastoral pode ficar alheia à sua influência vital. A Palavra de Deus está no começo (é seu *ruah*), é seu fundamento, é a razão mais profunda de sua existência.

A Palavra de Deus que a Animação Bíblica da Pastoral busca tornar presente é a geradora da verdadeira comunhão entre todos os que compõem o corpo de Cristo (a Igreja), é a unidade dinamizadora para sua eficácia contínua em todas as suas ações. Superam-se as visões estreitas segundo as quais cabe a cada um cuidar de seu próprio espaço pastoral e abre-se para a riqueza e novidade que o Espírito Santo concede a cada membro da Igreja. Ela gera comunhão e participação, fortalecendo o testemunho de catolicidade no mundo. Todos somos responsáveis por promover e estabelecer uma relação familiar com a Palavra de Deus, tanto em nível pessoal quanto pastoral, e também assumir a corresponsabilidade na proclamação da Palavra.

Quando não se assume a centralidade da Palavra de Deus em todas as pastorais, a Igreja corre o risco de assemelhar-se a uma simples organização e distorcer sua essência; ela é um organismo vivo pela vida que recebe de sua cabeça, que é Cristo. Ele lhe proporciona energia e coordena a diversidade existente dentro do corpo, uma diversidade que se manifesta em ministérios e dons espirituais, em que o próprio Espírito

Santo direciona a união do corpo, fazendo que os membros individuais se sirvam e se apoiem mutuamente.

Portanto, se a Palavra é a nova vida com a qual Cristo nutre o corpo de sua cabeça, para que esse corpo viva em comunhão com Ele e proclame o Reino, o acesso à Palavra não é um privilégio da pastoral bíblica, mas sim de todas as atividades eclesiais e de todo o povo de Deus. Prescindir da vida da cabeça é renunciar à ligação com Jesus Cristo, à proclamação da Boa-nova, de acordo com o próprio mandato divino.

Nesse sentido, é necessário implementar ações concretas para que a Bíblia, que contém a Palavra de Deus, não fique restrita a uma pastoral específica (seja a catequese, a liturgia etc.) e para que se supere a visão reducionista de considerar que a Bíblia serve apenas para sustentar argumentos humanos e embelezar escritos pastorais inspirados em suas belas frases.

Nenhuma pastoral é completa sem a Palavra de Deus, por isso não é compreensível que ela seja relegada a uma pastoral específica. É necessário entender que a pastoral orgânica não é uma pastoral entre outras, nem é implementada para eliminar pastorais (DAP 248). Trata-se da inspiração que surge da Palavra: a Palavra não é um conjunto de ideias, pensamentos ou conceitos sobre Jesus. A Palavra, aquela que se tornou escrita, carrega a pessoa de Jesus. **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENEDICTO XVI, Papa. *Verbum Domini*: Exhortación Apostólica Postsinodal sobre la Palabra de Dios en la vida y en la misión de la Iglesia. Lima: Paulinas, 2010.

GARCÍA SANTOS, Amador Ángel. *Diccionario del griego bíblico*. Estella: Verbo Divino, 2015.

VINE, W. W. *Diccionario expositivo de palabras del Antiguo y Nuevo Testamento exhaustivo*. Nashville: Grupo Nelson, 1998.

Filoteia: Introdução à vida devota

São Francisco de Sales



400 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Francisco de Sales explicita o objetivo da obra no Prefácio: “Minha intenção é instruir aqueles que vivem na cidade, no lar, na corte, e que, pela condição em que se encontram, são obrigados a ter uma vida comum, do ponto de vista exterior”. Um projeto de direção espiritual que marcou uma mudança de época e de mentalidade.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

*Pe. Tarlei Navarro é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Teologia pela mesma universidade. Bacharel em Teologia pela Faculdade Vicentina (Favi), em Curitiba-PR. Graduado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas-SP. Graduado em Filosofia pelo Instituto de Filosofia São Boaventura (IFSB), em São Paulo-SP. Membro do Grupo de Pesquisa LEPRALISE (PUC-SP).
E-mail: pe.tarleinarvaro@gmail.com

A PALAVRA DE DEUS NO CENTRO DA VIDA DA IGREJA

Uma missão
confiada à
Animação Bíblica
da Pastoral

O artigo apresenta a gênese da Animação Bíblica da Pastoral, sua gestação e recepção no magistério da Igreja. O caminho percorrido pelo Magistério da Igreja para colocar a centralidade da Palavra de Deus como alma da teologia e da ação pastoral é longo. O papa Francisco convida toda a Igreja para uma caminhada sinodal, em saída para as periferias da humanidade e renovada pela fidelidade à Palavra de Deus. Este artigo tem por objetivo apresentar como historicamente o Magistério da Igreja chega a postular uma Animação Bíblica da Pastoral que ultrapasse todas as ações evangelizadoras.







“O DESAFIO DE FAZER ACONTECER UMA VERDADEIRA ANIMAÇÃO BÍBLICA DA PASTORAL EXIGE A DEDICAÇÃO AO PASTOREIO SEGUNDO O MODELO PROPOSTO POR JESUS CRISTO.”

INTRODUÇÃO

O Movimento Bíblico católico percorreu um caminho dentro da história da Igreja. Esse processo, sem dúvida, foi construído em meio a diversos avanços e recuos com relação ao estudo e ao conhecimento da Sagrada Escritura. Evidentemente, nesse trajeto muitas foram as iniciativas e contribuições para o avanço do conhecimento da Palavra de Deus.

Um marco histórico na Igreja católica foi a promulgação do documento *Providentissimus Deus* (1893), do papa Leão XIII, que apoiou e incentivou o estudo da Sagrada Escritura, aliás com forte apelo para que ela fosse devolvida ao povo de Deus. De fato, a encíclica apresenta uma revisão sobre os estudos da Sagrada Escritura, passando pelos Padres da Igreja até os nossos dias. “Brilhe, pois, no professor de hermenêutica sagrada não só uma sólida ciência de toda a teologia, senão também um profundo conhecimento dos comentários dos Santos Padres e doutores.” Após esse documento, surgiram iniciativas importantes para o conhecimento e propagação da Sagrada Escritura, como a criação da Pontifícia Comissão Bíblica (1902) e da Pia Sociedade de São Jerônimo (1902).

Na continuidade da construção do Movimento Bíblico, destaca-se também o documento *Spiritus Paraclitus* (1920), do papa Bento XV. Esse documento traz diversas citações do próprio São Jerônimo a respeito do amor e do estudo devidos à Sagrada Escritura. A encíclica aconselha a aproximação do clero com a Sagrada Escritura e afirmar na Palavra de Deus alimento para a vida espiritual, argumento para a defesa da fé e matéria para estudo assíduo.

Também chama a atenção o documento *Divino Afflante Spiritu* (1943), do papa Pio XII, escrito cinquenta anos após a *Providentissimus Deus* de Leão XIII, constituindo outro passo importante no incentivo do estudo e propagação da Sagrada Escritura. Em linhas gerais, o documento não apontou erros no trabalho de interpretação da Sagrada Escritura, porém destacou elementos essenciais para os exegetas católicos, chamando a atenção para maior dedicação aos estudos da Bíblia com base em suas línguas originais, o hebraico e o grego; para a importância da interpretação da Bíblia em seu sentido literal ou espiritual; para levar sempre em consideração, na interpretação da Sagrada Escritura, a Tradição da Igreja.

Tudo isso culminou no Concílio Vaticano II, com a promulgação da Constituição Dogmática sobre a revelação divina *Dei Verbum*, que certamente fechou um ciclo, causou uma mudança copernicana e marcou o início de novos tempos para o Movimento Bíblico. Sobre a importância desse documento, Bento XVI (2010) afirma que “é de conhecimento geral o grande impulso dado pela Constituição Dogmática *Dei Verbum* à redescoberta da Palavra de Deus na vida da Igreja, à reflexão teológica sobre a revelação divina e ao estudo da Sagrada Escritura”.

Após a *Dei Verbum*, houve, de fato, incentivo ao uso da Sagrada Escritura nas Igrejas particulares. Surgiu assim, em muitos lugares, a chamada pastoral bíblica, uma iniciativa interessante que ajudava com cursos, palestras, retiros, grupos e círculos bíblicos. Embora a pastoral bíblica tenha sido importante ferramenta, esse passo ainda não

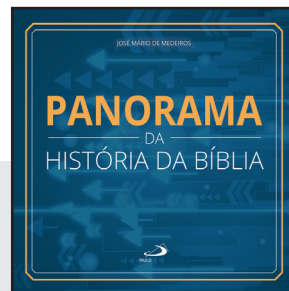
atingia o enfoque desejado pela *Dei Verbum*, que incentivava toda a pregação da Igreja a ser regida e alimentada pela Sagrada Escritura (DV 21).

Nos últimos anos, têm surgido também iniciativas consideráveis na Igreja que apresentam a Palavra de Deus como protagonista. A Igreja na América Latina, por exemplo, realizou em Aparecida, de 13 a 31 de maio de 2007, a 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, que resultou no *Documento de Aparecida*. Nessa conferência, surgiram progressos na dimensão bíblica, fez-se uso de certas metáforas para referir-se à Palavra de Deus: é a “rocha” que sustenta a vida cristã (n. 90; n.146) e o “farol” que guia a Igreja. Aparecida, além disso, assumiu um enfoque bíblico em sua proposta: discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida. “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). Aqui se apresenta novo paradigma para apresentar o papel da Escritura na vida e na missão da Igreja: a Animação Bíblica da Pastoral (DAp 248).

Vale lembrar também o Sínodo dos Bispos, que se realizou no Vaticano de 5 a 26 de outubro de 2008 e teve como tema: “A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja”. Esse Sínodo também trouxe para nosso tempo importantes reflexões e progressos na dimensão bíblica, o que levou Bento XVI, em 30 de setembro de 2010, a oferecer a toda a Igreja a Exortação Apostólica *Verbum Domini*. Esse documento trouxe a esperança de uma evangelização eficaz, pautada na Sagrada Escritura, como desejou a *Dei Verbum*, e “convidou a um esforço pastoral particular para que a Palavra de Deus apareça em lugar central na vida da Igreja, recomendando que se incremente a pastoral bíblica, não em justaposição com outras formas da pastoral, mas como animação bíblica da pastoral inteira”. É isso que também recomendam os documentos

Panorama da história da Bíblia

José Mário de Medeiros



368 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Exposição visual e colorida do desenvolvimento da história e literatura bíblicas, abrangendo os períodos do Antigo e do Novo Testamento. A apresentação facilita situar a história de Israel e do cristianismo em paralelo com a história das civilizações vizinhas, permitindo localizar os escritos bíblicos na sua devida época. Importante instrumento para facilitar uma visão de conjunto de toda a Bíblia.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

97 (*Discípulos e Servidores da Palavra de Deus na Missão da Igreja*) e 111 (“*E a Palavra Habitou entre Nós*”) da CNBB.

O desafio de fazer acontecer uma verdadeira Animação Bíblica da Pastoral exige a dedicação ao pastoreio segundo o modelo proposto por Jesus Cristo. O que de fato move todo esse projeto é o conhecimento de Cristo, buscando, portanto, focar sempre na centralidade da nossa fé – a pessoa de Jesus Cristo, “o mediador e a plenitude de toda revelação” –, propondo conhecer melhor sua pedagogia e, assim, incentivando e animando nossas pastorais eclesiais com o conhecimento e a propagação da Palavra de Deus.

1. QUE A PALAVRA DE DEUS APAREÇA EM LUGAR CENTRAL NA VIDA DA IGREJA

Foi o papa Bento XVI que nos recordou o lugar de destaque em que deve estar a Sagrada Escritura: “a Palavra de Deus apareça em lugar central na vida da Igreja” (VD 73). Hoje, mais do que em qualquer tempo da história, faz-se urgente aos católicos o conhecimento da Sagrada Escritura, pois é comum perceber o crescimento de leituras deformadas e instrumentalizadas da Sagrada Escritura em diversos ambientes religiosos. Ciente da missão de formar na fé, a Igreja, que tem sua fé fundamentada na Palavra de Deus, deve esforçar-se por fazer que todos os fiéis tenham um encontro com Cristo por intermédio da Palavra, de tal forma que seja Palavra encarnada no coração.

Acreditamos que hoje Deus continua a falar por meio da Igreja: “Deus, o qual falou no passado, não cessa de falar com a esposa de seu Filho dileto, e o Espírito Santo, por meio do qual a viva voz do Evangelho ressoa na Igreja, e por meio dela no mundo, introduz os crentes em toda a verdade e faz residir neles abundantemente a Palavra de Cristo” (Cl 3,16;VD 51).

Esse ensinamento da Sagrada Escritura tornar-se-á cada vez mais prioridade da fé, mediante o “sinal” de palavras e gestos humanos na ação litúrgica, nos sacramentos, na leitura orante ou na proclamação pelo leitorado durante a Eucaristia, na homilia, na liturgia das horas, nas bênçãos, na catequese, nas celebrações da Palavra onde existe escassez de presbíteros e também mediante o silêncio, para escutar a Palavra no íntimo, de modo que assim anime toda a vida eclesial.

É preciso ter consciência também de que, assim como, na história, após haver pregado o Reino de Deus, Jesus se dirigiu a Jerusalém para oferecer-se em sacrifício ao Pai, igualmente na liturgia, após haver proclamado novamente sua Palavra, ele renova a oferta de si ao Pai por meio da ação eucarística. Quando, no final do prefácio, dizemos: “Bendito o que vem em nome do Senhor: hosana nas alturas”, reportamo-nos idealmente àquele momento em que Jesus entra em Jerusalém para celebrar sua Páscoa; aí termina o tempo da pregação e começa o tempo da paixão.

2. A PALAVRA DE DEUS NA VIDA DOS SANTOS

Toda a preocupação da Igreja em torno da Palavra de Deus é, no fundo, o retrato da urgente missão de tornar Jesus conhecido, numa viva experiência de encontro com ele, por meio da Palavra que quer nos falar. Com efeito, percebemos nos relatos dos quatro Evangelhos que toda a beleza desse caminho se concentra na pessoa de

“HOJE, MAIS DO QUE EM QUALQUER TEMPO DA HISTÓRIA, FAZ-SE URGENTE AOS CATÓLICOS O CONHECIMENTO DA SAGRADA ESCRITURA.”

Jesus Cristo, o revelador do Pai que, em sua relação com as pessoas, dizia belas palavras que curavam, com sua eficácia, as profundezas da alma.

Na vida da Igreja, os santos fizeram bonito movimento de encontro com a Sagrada Escritura. Santo Ambrósio dizia que “a Palavra de Deus é a substância vital da nossa alma; ela a alimenta, a apascenta e a governa; fora da Palavra de Deus, não há outra coisa que possa fazer com que a alma do homem viva” (AMBRÓSIO, 2011, p. 93). Santa Teresa de Calcutá entendeu bem o que era servir a Deus, cuidando de quem precisava de sua ajuda, encarnando a Palavra; bebeu da substância vital a ponto de gastar-se e cansar-se, procurando viver as obras de misericórdia: “Tenho muitas fraquezas humanas, muitas misérias humanas. [...] Mas Ele abaixa-se e serve-se de nós, de ti e de mim, para sermos o seu amor e a sua compaixão no mundo, apesar dos nossos pecados, apesar das nossas misérias e defeitos” (apud GE 107).

É preciso ouvir a Palavra de Deus na vida dos santos, porque os santos são exemplos de como essa Palavra é eficaz, pois foram transformados por ela. Pensemos em Santa Teresa de Calcutá, de quem a palavra de Jesus “Tenho sede” mudou completamente o rumo da vida, levando-a à total consagração ao serviço dos pobres, com seu poder eficaz de transformação dos corações.

Somos unânimes em reconhecer o bem que Santa Teresa de Ávila fez à Igreja, mediante o dom que ela tinha de amar, sabendo traduzir o Evangelho numa linguagem acessível a todos. Portanto, todo o tesouro espiritual que nos deixou é fruto da sua *lectio divina*, da sua leitura amorosa da Palavra de Deus.

Santa Teresinha do Menino Jesus encontra o Amor como sua vocação pessoal quando perscruta as Escrituras, particularmente os capítulos 12 e 13 da primeira carta aos Coríntios; e a mesma santa assim nos

Como ler o Evangelho e não perder a fé

Alberto Maggi



Imagens meramente ilustrativas.

Os Evangelhos foram escritos para suscitar a fé em Jesus de Nazaré, mas muitos dos que se aproximam desses textos lamentam que não são facilmente compreensíveis.

Neste livro, o autor apresenta estudos acessíveis nos quais a atenta tradução do texto, acompanhada por sua inserção no ambiente judaico, permite que todos descubram a atualidade da surpreendente riqueza da Boa Notícia de Jesus.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br



“É PRECISO OUVIR A PALAVRA DE DEUS NA VIDA DOS SANTOS, PORQUE OS SANTOS SÃO EXEMPLOS DE COMO ESSA PALAVRA É EFICAZ, POIS FORAM TRANSFORMADOS POR ELA.”

descreve o fascínio pelas Escrituras: “Apenas lanço o olhar sobre os Evangelhos, imediatamente respiro os perfumes da vida de Jesus e sei para onde correr” (apud VD 48).

3. ANIMAÇÃO BÍBLICA DIRECIONADA AO CONHECIMENTO DE JESUS

Para fazer Animação Bíblica da Pastoral, é necessário querer conhecer Nosso Senhor. Nesse sentido, existem várias preocupações que sobressaem na vida de Jesus, mas vamos nos ater a três, que formam o projeto de seu Reino e devem estar no centro da vida de seus discípulos missionários: *a saúde do povo* (cura dos enfermos, milagres de expulsão de demônios, salvação e libertação de doenças crônicas e restabelecimento da saúde); *a alimentação do povo* (multiplicação dos pães, refeições partilhadas, solidariedade com os pobres e famintos, ampliação do convite ao banquete em sintonia com o Reino); e *a inclusão social e cultural do povo* (perdão dos pecados, acolhida dos excluídos e pecadores, defesa dos mais vulneráveis, das mulheres, estrangeiros e órfãos, inclusão na mesa do Reino de Deus).

3.1. A saúde do povo

Fica-nos claro que Jesus resume sua missão como enviado-missionário do Pai ao dizer: “Eu vim para que tenham a vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). O Deus de Jesus deseja que todos os seres humanos tenham vida plena, digna, eterna, em Deus: “Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho não tem a vida. Eu vos escrevi

tudo isto a vós, que credes no nome do Filho de Deus, para saberdes que tendes a vida eterna” (1Jo 5,11-13). Vida digna e saudável nesta terra, e vida em plenitude na eternidade.

Destarte, é oportuno destacar que a Sagrada Escritura contém várias páginas de amparo, conforto e cura, manifestando a intervenção de Deus. Dentre esses textos, faz-se necessário recordar a atenção dada por Jesus aos doentes e como ele mesmo, Verbo de Deus encarnado, carregou nossas dores e sofreu por amor ao ser humano, dando, assim, sentido à doença e à morte.

Isso nos faz pensar que a saúde do povo era prioridade nos ensinamentos de Jesus. Não é por acaso que lemos inúmeros relatos de Jesus com os doentes (cura dos enfermos, milagres de expulsão de demônios, salvação e libertação de doenças crônicas e restabelecimento da saúde).

A preocupação pela saúde física e da alma que Jesus sempre manifestou continua a ser lembrada na Igreja. Por exemplo, na liturgia da Palavra, quando acaba a proclamação do trecho do Evangelho da missa, o ministro é convidado a beijar o livro e a dizer: “Que as palavras do santo Evangelho apaguem nossos pecados”. Assim, fica-nos evidenciado que o poder de cura da Palavra de Deus é atestado na própria Escritura: “De fato, não foi erva nem pomada que os curou (diz-se do povo de Israel no deserto), mas a tua Palavra, que tudo cura!” (Sb 16,12)

Verifica-se, assim, quanto necessitamos ouvi-la, amá-la e vivê-la, já que a Bíblia não é peso para ninguém, mas sim libertação. É preciso recebê-la com humildade, pois somente ouvindo a Deus somos livres e curados. O apóstolo São Tiago Menor, poucos anos após a morte de Jesus, escrevia: “Sede praticantes da palavra, e não apenas ouvintes, enganando-vos a vós próprios” (Tg 1,22).

3.2. A inclusão social e cultural

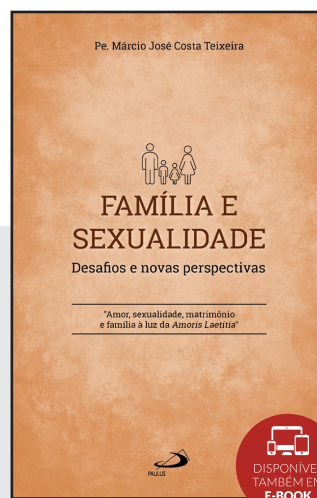
“Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão. Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido” (Lc 19,9-10). Jesus é uma presença que salva, cura e humaniza! Para ele, a vida humana está sempre em primeiro lugar; encontra-se, portanto, acima das leis, dos costumes culturais, dos ritos e tradições religiosas; do dinheiro, experienciado como ídolo e fonte dos projetos político-econômicos opressores (cf. Lc 16,13); da manipulação das Escrituras para justificar os sofrimentos e as discriminações socioreligiosas das pessoas.

Assim, é importante recordar que “a encarnação da Palavra em Jesus foi um processo que se iniciou com o sim obediente de Maria e terminou com o último sim de Jesus na cruz, quando disse: ‘Está tudo consumado’ (cf. Jo 19,30)” (VD 28). A consequência direta disso é que essa Palavra encarnada continua hoje a denunciar sem ambiguidades as injustiças e a promover a solidariedade e a igualdade.

Uma das pedagogias inclusivas de Jesus que chamam a atenção na Palavra de Deus é a prática da acolhida às mulheres. Todos os Evangelhos mostram a acolhida de Jesus às mulheres, mas sobressai entre eles o Evangelho de Lucas: é o único que conta a história de Isabel (Lc 1,5-25), Maria (Lc 1,26-56), Ana (Lc 2,36-38), da viúva de Naim (Lc 7,11-17), de Maria Madalena, Joana, Susana e das outras mulheres que seguiam Jesus (Lc 8,1-3), de Marta e Maria (10,38-42), da mulher encurvada (Lc 13,10-17), da mulher que procura a moeda perdida (Lc 15,8-10), da viúva insistente (Lc 18,1-8) e das mulheres de Jerusalém que choram atrás da cruz (Lc 23,27-31). Além dessas mulheres, Lucas partilha com os sinóticos outras cenas de acolhida, como é o caso da sogra de Simão (Lc 5,38-39; Mt 8,14-15; Mc 1,29-31), a hemorroíssa e a filha de Jairo (Lc 8,40-56; Mt 9,18-26; Mc 5,21-43), a viúva que dá tudo quanto tinha para o tesouro do templo (Lc 21,1-4; Mc 12,41-44), as mulheres da Galileia

Família e sexualidade: Desafios e Novas Perspectivas

Pe. Márcio José Costa Teixeira



224 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra ajuda a repensar a sexualidade humana, o matrimônio e a família à luz dos desafios dos tempos atuais. Coloca-se e nos coloca no gume da espada, pois somos chamados a não rejeitar ou fragilizar a moral cristã católica, mas, ao mesmo tempo, perceber a necessidade de novos discernimentos e avanços pastorais.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

que descobrem o túmulo vazio (Lc 24,1-8; Mt 28,1-8; Mc 16,1-8). É interessante que o aparecimento de uma mulher acaba sempre por trazer elementos positivos à narração, e isso faz que o encontro com as mulheres pontue o caminho de Jesus.

Nesse caminho, é importante recordar-nos de que Jesus se senta à mesa com os pecadores e publicanos (Mt 9,11); cura um enfermo no dia de sábado (Mc 3,1-6); perdoa os pecados de uma pecadora pública em sua casa (Lc 7,36-50); realiza a cura da filha de uma mulher estrangeira sírio-fenícia (Mt 15,21-28); dialoga em plena luz do dia com a samaritana (Jo 4,5-42); defende uma mulher que ia ser apedrejada por homens muito piedosos e observantes da Lei (Jo 8,1-11). Por causa dessas opções, Jesus sofreu diversas perseguições e conflitos (Mc 2,1-3,6).

É interessante notar que, partindo da vida dos caminhantes, Jesus organiza um círculo bíblico, relendo as Escrituras para iluminar a vida, compartilhá-la em profundidade, em chave de fé, e ajudar a prosseguir na missão do discipulado de maneira renovada. Também hoje, os temas de preocupações com a vida (das famílias, jovens, sofredores, comunidades, minorias, sociedade) podem ser o ponto de partida para partilhar a Bíblia, de modo que a Palavra de Deus se conecte com a realidade cotidiana das pessoas, desde que o encontro com Jesus e seu Evangelho possibilite uma visão de fé e fomenta processos de transformação social, conforme seus ensinamentos.

Nos âmbitos pastorais, existem temáticas, desafios, buscas, aprendizagens, dificuldades que podem ser assumidos como pontos de partida para o diálogo com os textos das Sagradas Escrituras, como projetos de interpretação interculturais, e ser atualizados como Palavra de Deus para nosso tempo, impulsionando assim a vida de fé das comunidades.

Evidentemente, toda interpretação deverá estar em comunhão com a fé da Igreja, observando as narrativas que envolvem os escritos

sagrados. Observando quanto os relatos de fé provocam questionamentos em vista de transformações nas comunidades, sem deixar de objetivar mudanças nos leitores de todos os tempos. Temos de observar a proposta de cada texto e permitir que nos sintamos destinatários daquela narrativa, participantes de uma realidade plausível, real em nosso tempo, a qual nos impulse a transitar entre o teórico e o prático, sem jamais esquecer-nos de cuidar de quem precisa de nossa ajuda.

Obviamente, essas três preocupações de Jesus pela vida das pessoas superam as fronteiras culturais, sociais, econômicas e religiosas, e comunicam novo rosto de Deus, que nos ama com um coração de mãe (Lc 15,20-24), que se interessa de maneira particularizada por cada um de nós e se compadece diante da dor e do sofrimento de cada pessoa, porque “não é da vontade do Pai, que está nos céus, que um destes pequeninos se perca” (Mt 18,14).

A figura de Jesus é muito singular, e ninguém seria capaz de desvendá-la se ele mesmo não a tivesse revelado. Jesus é bem diferente dos religiosos de seu tempo. Isso é tão encantador, que nos faz ter a certeza de fé de que, “no centro da revelação divina, está o acontecimento de Cristo”, pois a “Palavra divina se exprime ao longo de toda a história da salvação e tem a sua plenitude no mistério da encarnação, morte e ressurreição do Filho de Deus” (VD 7). **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMBRÓSIO, Exp. Os. 118/7,7 (PL15, 1350). In: CANTALAMESSA, Raniero. *O mistério da Palavra de Deus*. Cachoeira Paulista: Canção Nova, 2011.
- BENTO XVI, Papa. *Verbum Domini*: Exortação Apostólica Pós-sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja (VD). Brasília, DF: Edições CNBB, 2010.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2008.

- CANTALAMESSA, Raniero. *Apaixonado por Cristo: o segredo de Francisco de Assis*. São Paulo: Fons Sapientiae, 2019.
- CANTALAMESSA, Raniero. *O mistério da Palavra de Deus*. Cachoeira Paulista: Canção Nova, 2011.
- COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA. *Animação Bíblica da Pastoral*. Brasília, DF: Edições CNBB, 2012.
- COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Dei Verbum: Constituição Dogmática sobre a revelação divina (DV)*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2007.
- DILLMANN, Rainer; MORA PAZ, César A. *Comentario al Evangelio de Lucas: un comentario para la actividad pastoral*. Estella, Navarra: Verbo Divino, 2006.
- FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium: Exortação Apostólica sobre a alegria do Evangelho*. 2. ed. São Paulo: Paulus: Loyola, 2014.
- FRANCISCO, Papa. *Gaudete et Exsultate: Exortação Apostólica sobre o chamado à santidade no mundo atual (GE)*. Brasília, DF: Edições CNBB, 2018.
- MENDONÇA, José Tolentino. *A leitura infinita: a Bíblia e a sua interpretação*. São Paulo: Paulinas; Pernambuco: Universidade Católica de Pernambuco, 2015.
- PÁDUA SOUZA, Tarlei Navarro. *Uma abordagem pragmalinguística de Lc 16, 19-31: a centralidade dos empobrecidos no discipulado cristão*. 2021. Dissertação (mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2021.
- PHILIPPE, Jacques. *Chamados a viver*. São Paulo: Quadrante, 2009.
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- SILVA, Raimundo Aristides da. *Leitura orante: caminho de espiritualidade para jovens*. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

Comunicar para humanizar: A comunicação a partir do Papa Francisco

Marcus Tullius (org.)



Este livro retoma as profundas e necessárias reflexões do papa Francisco para o tempo presente, revisitando suas mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais. Além disso, traz comentários escritos por profissionais cristãos que atuam de forma comprometida e competente na área da comunicação.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

Pe. João dos Santos Barbosa Neto, sdb*

*Pe. João dos Santos Barbosa Neto, sacerdote salesiano. Licenciado em Filosofia (UCDB/MS), bacharel em Teologia (UPS/Itália), pós-graduado *lato sensu* em Counseling (IATES/PR), pós-graduado *lato sensu* em Psicopedagogia (UCDB/MS), mestre e doutor em Teologia Pastoral (UPS/Itália). Membro da SBCat (Sociedade Brasileira de Catequetas). E-mail: joaoneto@missaosaesiana.org.br

A Pastoral e a Animação Bíblica da Pastoral:

perspectivas e propostas para um ministério vivo e eficaz

A relevância deste artigo é proporcionar o encontro com o Verbo de Deus mediante a Sagrada Escritura, que é compreendida, rezada e vivida. Ela se torna caminho de comunhão com Jesus, guia processos de conversão pessoal e pastoral, forja um modelo missionário e traz o conteúdo da revelação.



INTRODUÇÃO

O termo *Animação Bíblica de toda a Pastoral* já faz parte da realidade nas diversas ações pastorais e é costumeiramente citado com ênfase em projetos e iniciativas que buscam refletir sobre a dimensão bíblica e trabalhá-la. Contudo, com o passar do tempo, faz-se necessário revisitar as origens, interpelar as práticas, encontrar as razões teológicas que otimizem ou redirecionem os percursos formativos já existentes e deixar-se inspirar pelo Espírito Santo para propor novos itinerários.

Primeiramente, evidencia-se o diálogo histórico entre o caminho traçado pelo magistério pontifício, particularmente no campo da pastoral e da animação bíblica, e a realidade hodierna. Ressaltam-se as reflexões da dimensão bíblica realizadas ao longo da história e as propostas aplicadas desse caminho que a Igreja continua a sugerir.

Em seguida, busca-se elaborar um projeto com variadas ações que sejam adequadas e atrativas, usando a linguagem de nossos tempos. O intuito é indicar propostas para aprimorar o percurso que a CNBB tem sugerido para a pastoral e a animação bíblica, oferecendo inspiração para iniciativas e atividades para conhecer a Palavra, serviços de pastoral bíblica, formação de animadores.

1. PRINCÍPIOS E CRITÉRIOS PARA A PASTORAL E A ANIMAÇÃO BÍBLICA À LUZ DO MAGISTÉRIO

A compreensão da Animação Bíblica de toda a Pastoral exige uma imersão no pensamento proposto pelo magistério pontifício e na forma mais elaborada com a qual foi enriquecida pela contribuição das reflexões de autores que aprofundaram esse tema, cooperando significativamente na implementação pastoral. Nesse caminhar, é evidente a vontade de encontrar as raízes bíblicas de sua atividade pastoral, não como um acréscimo categorizante de uma nomenclatura, e sim como precisa qualificação de que, em cada

“O CONCÍLIO VATICANO II FOI UM MARCO NA RETOMADA DA PALAVRA DE DEUS COMO CENTRO DA VIDA CRISTÃ E DA EVANGELIZAÇÃO.”



atividade, “se tenha realmente a peito o encontro pessoal com Cristo que se comunica a nós na sua Palavra” (VD 73).

A relação da Bíblia com a pastoral é de uma abordagem sólida e conceitual baseada nas intuições magisteriais, com reflexo na interdisciplinaridade entre a pastoral bíblica e as ciências teológico-práticas. Assim, torna-se relevante o aprofundamento dos fundamentos que determinam a estrutura de toda a pastoral e evidenciam o papel da Bíblia na pastoral, de modo que cada agir eclesial possa efetivamente ser profundamente bíblico.

2. A PASTORAL BÍBLICA E A ANIMAÇÃO BÍBLICA DA PASTORAL

Essa primeira etapa recupera o percurso histórico desde o Movimento Bíblico, passando pelo Apostolado Bíblico, seguido pela Pastoral Bíblica e, por fim, pela Animação Bíblica da Pastoral, à luz dos documentos do magistério pontifício, latino-americano e brasileiro. A imersão histórica é pertinente para a reconstrução das etapas primordiais de consolidação dos fundamentos bíblicos e teológicos, além de colaborar com a identificação dos elementos essenciais que configuram os princípios e critérios da Animação Bíblica.

O fato importante encontra-se na responsabilidade pastoral dos agentes eclesiais, que precisam fundamentar biblicamente as próprias ações. Somente assim as atividades serão animadas pela Bíblia, ocasionando um paulatino meio de compreensão prática, pois nela se encontra a fonte para a organização do funcionamento eclesial, a evangelização, a catequese, a liturgia.

2.1. Movimento Bíblico e Pastoral Bíblica

O Concílio Vaticano II foi um marco na retomada da Palavra de Deus como centro da vida cristã e da evangelização, motivando os pastores a esforçar-se para que “o acesso às Sagradas Escrituras seja aberto amplamente aos fiéis” (DV 22). Houve um movimento de fecunda iniciativa para fazer que a Sagrada Escritura chegasse a toda a Igreja e fosse conhecida tanto pela hierarquia quanto pelo povo.

O Movimento Bíblico tinha como “principal finalidade distribuir e tornar conhecida a Bíblia entre os católicos por causa do escasso conhecimento que tinham dela” (RETAMALES, 2011, p. 11). A Bíblia volta a ganhar o *status* de lugar de experiência e encontro com Deus na própria vida e na comunidade, geradora de vida, de vocação e de comunhão.

Em alguns países, antes da Pastoral Bíblica existia o Apostolado Bíblico, que se ocupava em promover a divulgação da Bíblia. O primeiro momento consistia em fazer que a Bíblia fosse apresentada e divulgada, dando assim espaço a uma atividade pastoral mais profunda, que “se responsabilizava sobretudo para que os participantes desta pastoral conhecessem a Bíblia mediante cursos, palestras, retiros, grupos e círculos bíblicos” (RETAMALES, 2011, p. 12).

Se tanto o Movimento Bíblico quanto a Pastoral Bíblica se referiam à dimensão bíblica e à acessibilidade à Sagrada Escritura, é justo perguntar: o que os diferia? Primeiramente, o Movimento Bíblico está ligado ao período anterior ao Concílio Vaticano II, enquanto a Pastoral Bíblica foi amadurecida em um momento pós-conciliar, numa

tentativa de envolver as pastorais ao incluir e potencializar o termo “pastoral” em sua nomenclatura (BARBOZA, 2011).

Essa mentalidade nova de retornar à Sagrada Escritura e deixá-la acessível a todas as pessoas como primeira mediação do encontro com Jesus Cristo deve-se ao Concílio Vaticano II, no qual “a Igreja, povo de Deus, foi convidada a devolver a Bíblia aos fiéis, favorecendo e facilitando o estudo, as traduções e o diálogo ecumênico” (BARBOZA, 2011). Foram particularmente as duas constituições do Concílio Vaticano II (a *Dei Verbum* e a *Sacrosanctum Concilium*) que estimularam esse movimento de resgate da Palavra de Deus, para o povo e para a comunidade, como encontro com Jesus Cristo, a Palavra encarnada, posta no centro da vida e da missão da Igreja.

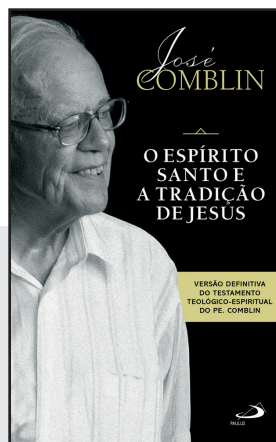
A Constituição *Dei Verbum* ressalta a importância de a Bíblia estar na mão do povo, pois ali se encontra Deus e ele dialoga com seu povo (DV 21). Já na *Sacrosanctum Concilium*, segundo Moloney (2015, p. 17, tradução nossa), “não há espaço dedicado especificamente ao papel da Palavra de Deus na liturgia, mas a demanda por uma renovação da vida litúrgica da Igreja trouxe com ela o apelo por um aumento de consciência sobre a importância das Escrituras na vida da Igreja”.

2.2. A Animação Bíblica da Pastoral

Apesar de ter muitos aspectos positivos, a Pastoral Bíblica revelou um limite desconcertante: aos poucos, foi-se tornando uma pastoral como as outras, que promoviam formação e aprofundamento somente para seus próprios membros. Esse modo pelo qual foi se desenvolvendo não conseguia colher em plenitude o pensamento conciliar sobre a Palavra de Deus, que buscava algo mais profundo na prática católica (RETAMALES, 2011, p. 12).

O Espírito Santo e a tradição de Jesus

José Comblin



352 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Neste texto José Comblin faz o esforço de distinguir o que pertence ao terreno do Evangelho e o que pertence à Tradição religiosa. Em certo período da história, ele descreve o afastamento das fontes evangélicas alimentado pela substituição destas por uma teologia, a teologia da cristandade, e defende o retorno à inspiração inicial e fundamental, a Tradição de Jesus.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br



“A ANIMAÇÃO BÍBLICA DA PASTORAL É, ENTÃO, O FRUTO DO AMADURECIMENTO DA DINÂMICA PASTORAL DA IGREJA E DE UMA CONCEPÇÃO SEGUNDO A QUAL A BÍBLIA DEVE PERTENCER E ANIMAR A TODAS AS PASTORAIS.”

Concomitantemente, os grupos, os movimentos e as pastorais assumiram progressivamente a Bíblia, favorecendo ocasiões para a leitura de textos bíblicos nos momentos de oração e buscando nas ações de Cristo as motivações para permanecerem fiéis à própria missão. A Animação Bíblica da Pastoral é, então, o fruto do amadurecimento da dinâmica pastoral da Igreja e de uma concepção segundo a qual a Bíblia deve pertencer e animar a todas as pastorais.

A *Verbum Domini* é, sem dúvida, o documento-chave para essa guinada, pois promove a Animação Bíblica da Pastoral, configurando a “inteira ação eclesial em uma escuta criativa e obediente dos grandes paradigmas da história da salvação, que mantenham valor normativo e estruturante” (ASOLAN, 2011, p. 275). Entra aqui a perspectiva do discernimento, avaliação e práticas da ação pastoral mediante a escuta, a meditação e o estudo da Palavra, com a finalidade de fazer que os batizados amadureçam na fé, se engajem na missão da Igreja e vivam fiéis aos ensinamentos de Cristo.

O *Documento de Aparecida*, por sua vez, inova ao fazer um chamado explícito à Animação Bíblica da Pastoral e apresentar um conteúdo caracterizado fortemente por motivações pastorais e bíblicas. A Pastoral Bíblica é desenvolvida na perspectiva de que todos os fiéis devem ter contato com a Palavra de Deus, que é a fonte da evangelização e lugar privilegiado para encontrar-se com Jesus Cristo: “por isso a importância de uma pastoral bíblica, entendida como animação bíblica da pastoral, que seja escola de interpretação ou conhecimento da Palavra, de comunhão com Jesus e de evangelização inculturada” (DAP 248).

A CNBB, com o documento *Discípulos e Servidores da Palavra de Deus na Missão da Igreja*, apresenta profunda e contextualizada reflexão sobre a *Verbum Domini* à luz de Aparecida, visando a um trabalho pastoral movido e motivado pela Palavra. Esse documento retoma o processo de elaboração da Animação Bíblica da Pastoral e esclarece que “animação [é entendida] como ação ou efeito de dar alma ou vida. Sob essa perspectiva entende-se a busca consciente e contínua de ter a Sagrada Escritura como *alma da missão evangelizadora da Igreja*, como também ser a *alma da teologia*” (CNBB, 2012, n. 32).

3. CARACTERÍSTICAS DA ANIMAÇÃO BÍBLICA DA PASTORAL (DAP 248)

A Animação Bíblica da Pastoral possui um papel fundamental no encontro pessoal de comunhão de cada um dos integrantes das pastorais com Jesus Cristo, por meio da Sagrada Escritura rezada e vivida. Ela reposiciona a Palavra de Deus no centro da ação pastoral e indica os princípios para um discipulado fiel a Jesus Cristo: “escola de interpretação ou conhecimento da Palavra”; “comunhão com Jesus ou oração com a Palavra”; “evangelização inculturada ou de proclamação da Palavra”.

O horizonte de atuação da dimensão bíblica é alargado em todas as pastorais e movimentos, requerendo de seus integrantes o retorno à fonte bíblica, que é o berço da vida da Igreja. A Animação Bíblica da Pastoral considera três aspectos para ser eficaz em sua proposta: acompanhar a compreensão dos sentidos genuínos dos textos bíblicos; ajudar a atualizar a Palavra de Deus; educar a proclamar a Palavra e concretizá-la (RETAMALES, 2008, p. 60).

3.1. Escola de interpretação ou conhecimento da Palavra

A primeira tarefa da Animação Bíblica da Pastoral é a interpretação adequada dos textos bíblicos. Aqui se entendem duas coisas: a primeira é a afirmação de que nos textos da Bíblia se encontra a Palavra de Deus; a segunda refere-se justamente à forma de aproximação que se deve ter ao texto (compreensão da linguagem, do contexto e da sociedade dos autores sagrados).

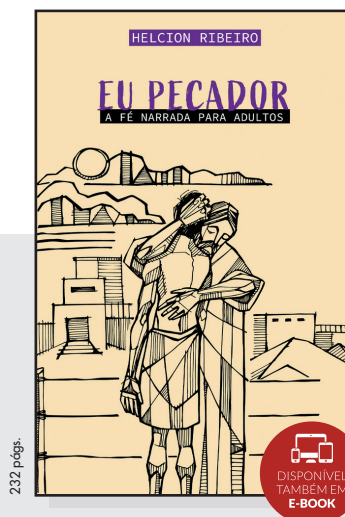
Os batizados engajados, em sua maioria, são sensíveis e desejosos de aprendizado, contudo é necessário que pessoas preparadas se ponham à disposição e promovam momentos de apresentação da Palavra de Deus que possibilitem a compreensão do sentido e aprofundamentos orantes, de modo que ela possa ser conhecida de maneira correta. A ação da Animação Bíblica da Pastoral “como escola de interpretação é, portanto, re-significar, a partir da correta leitura da revelação contida na Sagrada Escritura, o dia a dia dos homens e das mulheres de hoje, para que recuperem o discernimento, a liberdade e a responsabilidade” (RETAMALES, 2011, p. 30).

3.2. Comunhão com Jesus ou oração com a Palavra

A segunda tarefa a que a Animação Bíblica da Pastoral se propõe é ser mediação de diálogo com Jesus Cristo. Ora, “a Palavra não se exprime primariamente num discurso, em conceitos ou regras; mas vemo-nos colocados diante da própria pessoa de Jesus” (VD 11): assim se reconhece, no texto das Sagradas Escrituras, a Palavra de Deus na pessoa de Jesus Cristo. O cristão, ao entrar em contato com as Sagradas Escrituras, não está encontrando-se com um texto, e sim com uma pessoa, com quem estabelece um diálogo e que se torna presente em sua própria vida.

Eu pecador: A fé narrada para adultos

Helcion Ribeiro



232 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Narrar a fé para adultos exige considerar a situação das pessoas viventes neste tempo e neste mundo, buscando novos enfoques e novas posturas, implica despir-se da presunção e, ao mesmo tempo, encarar o ouvinte/leitor de modo adulto.

É tentar falar com o homem moderno que diz não necessitar mais do Deus de sua infância.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

A proposta de ação da Animação Bíblica da Pastoral “tende a ajudar e ensinar o discípulo missionário a atualizar a Palavra de Deus mediante o diálogo permanente com Jesus Cristo, e para o qual deve ser escola de comunhão e oração, isto é, de encontro com o Senhor graças aos textos bíblicos inspirados” (RETAMALES, 2007, p. 369). Cada encontro que se tem com a Palavra é único e irrepetível; ela ilumina as situações da vida e lhes dá significado no hoje da pessoa. Essa atividade de encontro com a Palavra torna-a capaz de responder às inquietações e orientar as pessoas por novos caminhos, que possam levá-las a se redimirem, a se converterem, transformando assim os pensamentos e o modo de vida.

A proposta da Animação Bíblica da Pastoral é apresentar a Sagrada Escritura como lugar no qual uma comunidade entra em contato com Jesus Cristo, primeiramente para escutar com atenção a Palavra, deixando-se surpreender pela novidade desse momento orante que supera o monólogo e estabelece um diálogo. É a partir da fala do Senhor que se pode elaborar uma resposta concreta, capaz de inserir essa fala em uma dimensão comunitária da vida na qual se caminha juntos para amadurecer na fé.

3.3. Evangelização inculturada ou de proclamação da Palavra

A terceira tarefa a que a Animação Bíblica da Pastoral se propõe é ser a alma da própria evangelização inculturada, anunciando a Boa-nova de Jesus Cristo a todos os povos.

Nesse processo, é importante que a Palavra de Deus seja anunciada de modo atualizado e as pessoas possam compreendê-la e vivenciá-la no próprio contexto existencial.

A compreensão da Palavra e sua transmissão, utilizando os elementos do próprio linguajar materno, representam a assimilação contextualizada do jeito cristão de ser e conferem a força para que, nas palavras de São Paulo, haja nos batizados “o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus” (Fl 2,5). A resposta do cristão que escuta a Palavra do Senhor é pôr-se à disposição para o serviço da caridade, pois “é a própria Palavra que nos impele para os irmãos: é a Palavra que ilumina, purifica, converte; nós somos apenas servidores” (CNBB, 2012, n. 88).

Para proclamar a Palavra na sociedade, é necessário ter presentes os elementos da piedade popular, que são expressões privilegiadas de inculturação da fé. A Palavra é capaz de dar sentido ao sofrimento do ser humano, de fazê-lo relacionar-se com seus afetos, consigo mesmo e com a realidade da morte, pois o encontro com Jesus Cristo se realiza na própria realidade, valorizando os temas penitenciais, os momentos de provação e de dor, mas sobretudo de esperança de que tudo pode melhorar porque existe a certeza de que Deus zela por nós. **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASOLAN, Paolo. L'animazione biblica della pastorale (*Verbum Domini*, n. 73). In: MERLO, Paolo; PULCINELLI, Giuseppe. *Verbum Domini: studi e commenti sull'Esortazione Apostolica Postsinodale di Benedetto XVI*. Vaticano: Lateran University Press, 2011.

BARBOZA, Maria Aparecida. Pastoral bíblica e animação bíblica no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ANIMAÇÃO BÍBLICA NO BRASIL, 1., 2011, Goiânia. *Anais [...]*. Goiânia: CNBB, 2011.

“É IMPORTANTE QUE A PALAVRA DE DEUS SEJA ANUNCIADA DE MODO ATUALIZADO E AS PESSOAS POSSAM COMPREENDÊ-LA E VIVENCIÁ-LA NO PRÓPRIO CONTEXTO EXISTENCIAL.”

BENTO XVI, Papa. *Verbum Domini*: Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html. Acesso em: 8 dez. 2023.

CELAM. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007.

CNBB. *Discípulos e Servidores da Palavra de Deus na Missão da Igreja*. Brasília, DF: CNBB, 2012. (Documentos da CNBB, 97.)

CNBB. *Orientações para a Celebração da Palavra de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1994. (Documentos da CNBB, 52.)

CONCÍLIOVATICANO II. *Dei Verbum*: Constituição Dogmática sobre a revelação divina. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html. Acesso em: 8 dez. 2023.

CONCÍLIOVATICANO II. *Sacrosanctum Concilium*: Constituição Conciliar sobre a sagrada liturgia. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html. Acesso em: 8 dez. 2023.

MOLONEY, Francis J. *Reading the New Testament in the Church*. Mulgrave: Garratt, 2015.

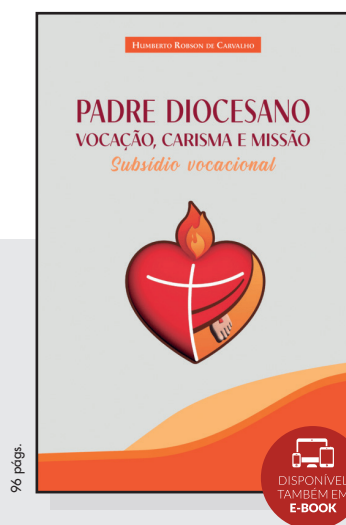
RETAMALES, Santiago Silva. *A animação bíblica da pastoral*. São Paulo: Paulus, 2011.

RETAMALES, Santiago Silva. A “Palavra de Deus” na V Conferência de Aparecida. *Atualidade Teológica*: revista do Dpto. de Teologia da PUC-Rio, Rio de Janeiro, v. 11, n. 27, p. 342-371, 2007.

RETAMALES, Santiago Silva. La Palabra de Dios en los caminos de la Iglesia. La animación bíblica de la pastoral del pueblo de Dios. Una reflexión. *La Palabra Hoy*, Bogotá, v. 32, n. 127, p. 60-61, 2008.

Padre Diocesano: vocação, carisma e missão

Humberto Robson de Carvalho



Este subsídio vocacional, tem por objetivo contribuir com os párocos, com a pastoral vocacional diocesana e com os jovens e adultos que buscam dar sua resposta afirmativa ao chamado de Deus e, por isso, procuram o discernimento tão próprio daqueles que sentem-se seduzidos por Deus: “Seduziste-me, Senhor, eu deixei-me seduzir” (Jr 20,2).



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br



*Ir. Izabel Patuzzo pertence à Congregação Missionárias da Imaculada. Mestre em Aconselhamento Social pela South Australian University e em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Licenciada em Filosofia e Teologia pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção. Doutora em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: isabellapatuzzo@hotmail.com

A implementação da Animação Bíblica da Pastoral à luz da Exortação *Verbum Domini*

A presente reflexão teológico-pastoral expõe, de modo sucinto, a implementação da Animação Bíblica da Pastoral à luz da Exortação Apostólica Pós-Sinodal Verbum Domini, seus frutos e desafios.

O movimento bíblico que precede e sucede ao Concílio Vaticano II teve um papel importante no resgate da centralidade da Palavra de Deus, como alma não apenas da teologia, mas também de todo agir pastoral da Igreja.

A implantação da Animação Bíblica da Pastoral em muitas realidades eclesiais ainda é um processo em gestação, embora a Igreja, por mais de uma década, venha considerando-a como uma de suas prioridades.

A Exortação Apostólica Verbum Domini propõe a superação de uma pastoral bíblica restrita a pequenos grupos no seio das comunidades para abraçar uma animação bíblica de toda a ação pastoral.

INTRODUÇÃO

O movimento de resgate da Sagrada Escritura como fonte da teologia e da ação evangelizadora da Igreja precede ao Concílio Vaticano II, culminando com a Constituição Dogmática *Dei Verbum*. Um paradigma teológico-pastoral centrado em uma catequese evangelizadora de cunho doutrinal foi, aos poucos, cedendo lugar a uma catequese mais bíblica. O movimento bíblico teve também um papel fundamental

na recepção e nos desenvolvimentos pós-conciliares, sobretudo nas conferências episcopais nos continentes.

Não obstante, a mentalidade de pastoral bíblica perdurou por décadas na Igreja. No continente latino-americano, por muito tempo o estudo das Escrituras permaneceu restrito a pequenos grupos, como se a aproximação da Palavra de Deus não fosse para todos os batizados. A evangelização, em nosso continente, foi marcada por um modelo catequético

fortemente doutrinal, centrado no Catecismo da Igreja e pouco bíblico. A mudança do paradigma de uma pastoral de cristandade, fundamentada em uma eclesiologia eminentemente doutrinal, para uma concepção de Igreja “povo de Deus”, que se reúne ao redor da Palavra, tem apresentado desafios internos e externos à pastoral orgânica.

Na América Latina, um número significativo de conferências episcopais tem buscado, no último decênio, dar uma resposta efetiva ao convite da Exortação Apostólica Pós-sinodal *Verbum Domini* para assumir a Animação Bíblica da Pastoral. Esta não deve ser colocada em justaposição com outras formas de pastoral, mas ser uma ação transversal que perpassa toda ação evangelizadora (VD 73). Os frutos da caminhada dessa implementação são resultados da constituição de comissões específicas para a Animação Bíblica da Pastoral (ABP). No Brasil, ainda não temos uma comissão pastoral para a Animação Bíblica da Pastoral, mas a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, sob o impulso da VD, publicou em 2012 o Documento 97, que indica três ações pastorais fundamentais em vista de implementar a ABP: constituir *comissões ou equipes* que trabalhem em rede, inseridas na pastoral de conjunto, para implementar a ABP; formar equipes de assessoria da ABP; formação bíblica sistemática e permanente para todos os agentes de pastorais (CNBB, 2012, n. 69).

Depois de aproximadamente uma década, a Assembleia Geral da CNBB, em 2021, retomou a reflexão sobre a importância da ABP em toda a ação evangelizadora da Igreja, publicando outro documento sobre a ABP: “*E a Palavra habitou entre nós*” (Jo 1, 14): Animação

Bíblica da Pastoral a partir das Comunidades Eclesiais Missionárias (Doc. 111). Porém, na avaliação realizada nos regionais da CNBB, constatou-se que, de fato, a implantação da ABP ainda não se efetivou de fato. As comunidades eclesiais missionárias ainda não superaram a mentalidade de pastoral bíblica, e o estudo sistemático e permanente da Palavra de Deus ainda é algo reservado a pequenos grupos. A mudança de mentalidade é um desafio interno, em virtude de um modelo pastoral com maior ênfase na doutrina do que na Palavra de Deus.

Para que a Palavra de Deus seja o elemento fontal de toda a ação evangelizadora da Igreja e todas as atividades pastorais se alimentem da força dessa Palavra, é necessário proporcionar a todos os batizados, sobretudo aos que atuam nas diversas pastorais, uma espiritualidade profundamente bíblica; formar equipes de ABP em todos os níveis da organização da Igreja (nacional, regional, diocesano, paroquial e comunitário); inserir a ABP na pastoral de conjunto, envolvendo todos os agentes de pastorais; superar a mentalidade de pastoral bíblica, que atribui apenas à Iniciação à Vida Cristã a tarefa da Animação Bíblica da Pastoral.

1. UMA ESPIRITUALIDADE CENTRADA NA PALAVRA DE DEUS

O *Documento de Aparecida* fala de três aspectos fundamentais da ABP que favorecem uma espiritualidade bíblica: as comunidades eclesiais missionárias devem ser escola de interpretação e conhecimento da mensagem revelada na Sagrada Escritura; devem ser escola de comunhão com Jesus e de oração,

“Um paradigma teológico-pastoral centrado em uma catequese evangelizadora de cunho doutrinal foi, aos poucos, cedendo lugar a uma catequese mais bíblica.”



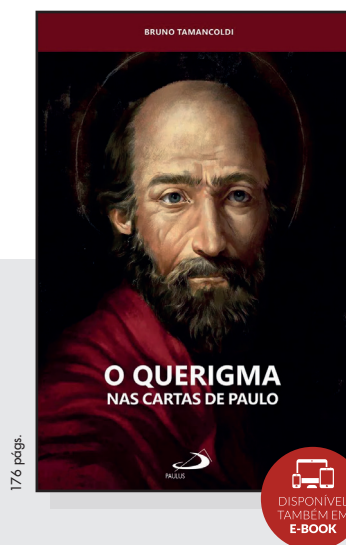
pois oram com a Palavra como um modo especial de encontrar-se com Jesus Cristo; devem ser escola de evangelização inculturada, transformando a realidade de sua vida a partir da Palavra (DAP 248). Assumir essa espiritualidade, cuja fonte primordial é a Palavra de Deus, significa retornar às fontes do cristianismo, à prática de Jesus com seus discípulos: “Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas. Não vim revogá-los, mas dar pleno cumprimento” (Mt 5,17). As primeiras comunidades cristãs nasceram e se desenvolveram ao redor da Palavra: “E a Palavra de Deus crescia. O número dos discípulos multiplicava-se enormemente em Jerusalém, e considerável grupo de sacerdotes obedecia à fé” (At 6,7).

Os primeiros cristãos foram testemunhas credíveis de Jesus, porque permaneceram arraigados nele e em seu ensinamento. Seguiram adiante com a missão de anunciar a Palavra por meio do anúncio e do testemunho, porque a vida deles estava profundamente permeada pela experiência do caminho do discipulado e do encontro com o Ressuscitado. Eles haviam se alimentado de sua Palavra, porque o próprio Jesus lhes havia ensinado a intimidade com as Escrituras. Pode-se dizer que as primeiras comunidades dos discípulos se formaram ao redor da Palavra e foram capazes de sofrer perseguições por causa dela, porque sua espiritualidade estava fundamentada no encontro com a pessoa de Jesus, aliçada no Cristo Palavra de Deus Pai.

O processo de conversão pastoral e a transformação missionária que a Igreja deseja realizar exigem que todos os discípulos e discípulas se encontrem continuamente com Jesus Cristo na Palavra e na Eucaristia. Tal conversão supõe a superação de mentalidades, práticas e estilos pastorais que se distanciam de Jesus, de seu Evangelho e do rosto de Deus revelado por ele. Isso implica avaliar itinerários catequéticos e ações pastorais que não privilegiam a formação bíblica

O querigma nas cartas de Paulo

Bruno Tamancoldi



176 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Este livro tem como objetivo apresentar, de maneira pastoral, a vida de São Paulo e suas cartas, relacionando-as às temáticas que envolvem o querigma, isto é, o primeiro anúncio: o amor de Deus, o pecado, Jesus salvador, fé e conversão, Espírito Santo e comunidade.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br



“Pode-se dizer que as primeiras comunidades dos discípulos se formaram ao redor da Palavra e foram capazes de sofrer perseguições por causa dela.”

e o encontro com a Palavra de Deus, como os conteúdos, os espaços das diversas etapas da catequese, as celebrações litúrgicas e as celebrações dos sacramentos, as adorações eucarísticas, procissões, subsídios de oração, novenas, mensagens nas redes digitais, etc., para que estejam em sintonia com Jesus e sua prática de serviço ao Reino de Deus.

Por isso, sem uma espiritualidade centrada na Palavra de Deus, corre-se o risco de cair no individualismo e no subjetivismo, os quais, em lugar de promover uma prática religiosa fundamentada em Jesus Cristo e inserida numa comunidade de fé, fomentam o fechamento em grupos separados que não se põem a serviço da comunhão, provocando profundas divisões e promovendo uma espiritualidade de competição, além de críticas destrutivas, tão prejudiciais à Igreja.

Nesse sentido, é necessário insistir que a ABP almeja que, em todas as pastorais, se cultive o verdadeiro espírito genuíno dos textos sagrados com uma formação permanente e sistemática da Bíblia para todos os batizados que atuam nas mais diversas ações evangelizadoras; que, concretamente, todos os agentes de pastorais tenham a possibilidade de viver a experiência pessoal do encontro com Jesus Cristo na Eucaristia e na Palavra, lembrando que muitas comunidades eclesiais missionárias se alimentam essencialmente de Jesus Cristo Palavra porque não têm a possibilidade de participar da celebração eucarística.

2. OS ÂMBITOS DE ATUAÇÃO DAS EQUIPES DE ANIMAÇÃO BÍBLICA DA PASTORAL

As Sagradas Escrituras são o testemunho escrito da Palavra divina, o memorial canônico que testemunha o acontecimento da

revelação. A Palavra de Deus, portanto, precede e excede a Bíblia. É por isso que nossa fé não coloca no centro apenas um livro, mas toda a história da salvação e tudo sobre a pessoa de Jesus Cristo, Palavra de Deus encarnada. É preciso situar-se na corrente da grande Tradição, que, sob a assistência do Espírito Santo e a orientação do magistério, reconheceu os escritos canônicos como Palavra dirigida por Deus ao seu povo e nunca deixou de meditá-los e descobrir neles riquezas insondáveis. A experiência do Deus Trindade, mistério de comunhão e amor na diversidade, nutre a vida, os vínculos, a espiritualidade e a missão de todas as atividades pastorais de nossas comunidades. As equipes de ABP põem-se a serviço, para que a leitura comunitária da Palavra de Deus seja fonte de vida e esperança daqueles que depositam sua confiança em Deus.

Os Evangelhos nos mostram Jesus de Nazaré trabalhando em equipe no serviço a Deus e a seu povo. Começou com quatro discípulos, depois formou os doze, mais tarde chamou os setenta e dois (Lc 10,1-9) e, finalmente, convocou todos os seus discípulos e discípulas para o anúncio do Evangelho a todos os povos, fazendo novos discípulos (Mt 28,16-20). Diante de práticas evangelizadoras demasiadamente personalistas e com pastorais que não se comunicam e dialogam entre si, voltar ao exemplo de Jesus como aquele que nos inspira e orienta para um serviço ao povo e ao Evangelho, realizado em equipe, ajudá-nos a construir comunidades missionárias, que se alimentam da Palavra. Desejamos construir comunidade vivas, nas quais todos os membros e grupos caminhem juntos, na sinodalidade, com objetivos, itinerários,

processos e opções pastorais elaborados, discernidos e avaliados em comum, à luz do Espírito.

A Exortação Apostólica Pós-sinodal *Verbum Domini* incentiva toda a Igreja a construir comunidades vivas ao redor da Palavra de Deus. Exorta todos os pastores e fiéis a considerar a importância da ABP. Nesse sentido, as equipes de animação pastoral exercem um papel fundamental no serviço de coordenação e acompanhamento das ações evangelizadoras das comunidades e âmbitos de participação eclesial.

Na compreensão eclesiológica de uma pastoral orgânica, a Palavra de Deus, Caminho, Verdade e Vida, não pode ser concebida como assunto específico de uma pastoral, e sim de todo o povo de Deus, já que é uma mediação fundamental para o encontro com Jesus Cristo e sua Boa Notícia. A Sagrada Escritura é transversal a toda a ação pastoral e todas as pastorais, e nos orienta e conduz ao encontro vivo com Jesus, à vida em comum e à participação na construção de uma sociedade mais justa. As equipes de ABP, atuando junto aos conselhos pastorais e assembleias pastorais, são mediações para o discernimento no Espírito para as possíveis respostas pastorais, em conexão com os desafios que brotam da vida cotidiana, da vida eclesial e do contexto sociocultural em que participamos. Em seus diversos níveis, as equipes de ABP devem ajudar todas as pastorais para que todos os seus agentes possam nutrir-se com a Palavra de Deus, fonte e alma da teologia e de toda ação evangelizadora.

3. ANIMAÇÃO BÍBLICA DA PASTORAL INTEIRA

O Sínodo sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja nos exorta a superar a mentalidade de pastoral bíblica, afirmando que a Animação Bíblica da Pastoral inteira não consiste em acrescentar encontros na diocese, paróquia ou comunidade

Liturgia: Conheça mais para celebrar melhor

Pe. Luiz Miguel Duarte



64 págs.

Ilustrações: Ingerens

Este livro é um ingresso ao vasto campo da liturgia. As pessoas poderão aí entrar e tomar conhecimento sobre o significado dos objetos, palavras e símbolos mais comuns, embora importantes, utilizados nas celebrações litúrgicas.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br



“A Igreja primitiva nos deixou o testemunho de como o encontro com Jesus marcou um antes e um depois.”

que incluam a formação bíblica, mas sim em tomar a peito o encontro pessoal com Jesus Cristo nas Escrituras (DV 73). Portanto, entender a centralidade da Palavra de Deus como seiva que nutre a vida, a espiritualidade e a missão de uma Igreja samaritana, profética, compassiva, em saída para as periferias geográficas e existenciais, em vista do anúncio e testemunho do Evangelho de Jesus hoje em nossa sociedade, tem sido uma das grandes preocupações da Igreja, expressa nos documentos e em suas orientações pastorais.

O longo caminho percorrido de redescoberta da Palavra de Deus na vida e missão da Igreja passou por uma recepção “a conta-gotas”. A mudança do paradigma de uma pastoral de cristandade, fundamentada em uma eclesiologia fortemente doutrinal, para uma concepção de Igreja “povo de Deus”, que se reúne ao redor da Palavra, tem apresentado desafios internos e externos à pastoral orgânica. Superar os limites de uma formação catequética centrada na doutrina, mas com pouco conhecimento da Palavra de Deus, é um dos grandes percalços para uma conversão pastoral que forme discípulos missionários.

O processo de conversão pastoral e renovação missionária de nossa Igreja deve ter como prioridade o primeiro anúncio do Evangelho. A Boa Notícia de Deus tem um rosto: Jesus de Nazaré. Durante muito tempo, vem-se insistindo sobre a importância de tornar a encontrar Jesus e seu Evangelho. É preciso recuperar a categoria “encontro com Cristo Palavra” para possibilitar

a proclamação do querigma às pessoas de hoje. Testemunhar Jesus, ali onde ele se deixa encontrar, é algo muito mais profundo que aprender algumas doutrinas, ritos ou práticas religiosas externas. É o encontro com a pessoa de Jesus que gera uma boa notícia de alegria (Lc 2,10-11), um convite à conversão e à transformação de nossos modos de nos vincularmos com Deus, com os demais, com nós mesmos e com a sociedade (Mc 1,15). Em muitos contextos em que o Evangelho permeia a vida e a práxis pastoral, certas concepções, práticas, vínculos, mentalidades respondem não com acolhimento, mas com recusas e oposições, até pelos mais próximos (cf. Mt 16,21-23; Jo 13,21-26; 16,2-3). Normalmente, é daí que procedem algumas resistências às mudanças e a não adesão a um modelo de Igreja sinodal, preferindo um modelo no qual cada um, ou cada pastoral e ministério, se preocupa apenas em manter seu próprio *domínio*.

O papa Francisco tem insistido que precisamos abandonar o cômodo critério segundo o qual “sempre foi feito assim”, principalmente quando as práticas não estão em sintonia com o Evangelho. O vinho novo de Jesus necessita encontrar disposições, corações, estruturas, estilos pastorais que possibilitem tocá-lo na vida cotidiana. A Igreja primitiva nos deixou o testemunho de como o encontro com Jesus marcou um antes e um depois: houve um novo começo, uma mudança de vida, uma conversão marcada pela adesão ao querigma da Boa Notícia.

O processo de conversão pastoral e de transformação missionária concebido segundo a eclesiologia do Concílio Vaticano II e retomada nos documentos posteriores, particularmente na *Verbum Domini* e nos textos conclusivos das Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano, supõe que, em sua ação evangelizadora, a Palavra de Deus seja a mediação insubstituível do encontro com Jesus Cristo. Nesse sentido,

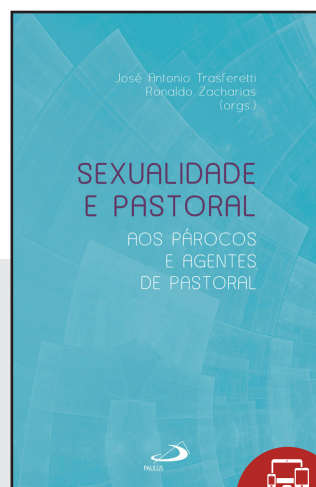
a Bíblia deve ser a fonte de inspiração para todas as pastorais. Tal processo requer mudanças de estruturas.

Em nossa Igreja, existem diversas experiências de pequenas comunidades eclesiais missionárias que se reúnem ao redor da Palavra de Deus. Estas são espaços de encontro com Jesus vivo, mesas fraternas de escuta da Palavra de Deus, de fortalecimento de vínculos, de discípulos que aprendem do Mestre, da leitura da Bíblia conectada com a vida cotidiana e social, de oração e compromissos, discernidos à luz do Espírito. Entretanto, essa experiência tem sido marcada por uma diversidade de compreensão dessa nova maneira de conceber a dimensão bíblica na ação pastoral e na organização estrutural dentro das conferências episcopais. Essa multiplicidade, por um lado, é expressão dos contextos eclesiais tão diferentes neste continente; por outro, é também resultado de uma compreensão diversificada do conceito e missão da Animação Bíblica da Pastoral. Isso ocorre porque a unidade da Igreja não é uniformidade, mas integração orgânica de diversidades legítimas. Um exemplo dessa diversidade são as instituições de comissões específicas para a ABP adotadas por várias conferências episcopais da América Latina, enquanto outras seguem caminhos distintos.

Em virtude da longa tradição de uma evangelização em moldes colonialistas, na qual a aproximação com a Palavra de Deus esteve ausente por séculos, ainda perdura a mentalidade segundo a qual a formação bíblica sistemática e permanente é assunto de uns poucos encarregados da Bíblia. Na compreensão eclesiológica pós-conciliar, não se pode conceber que a ABP seja tarefa específica de uma pastoral ou que essa missão seja delegada apenas à catequese de iniciação à vida cristã, como em muitas realidades eclesiais. Essa é uma missão de todo o povo de Deus, já que é uma mediação

Sexualidade e Pastoral: aos párocos e agentes de pastoral

José Antônio Trasferetti e Ronaldo Zacharias (orgs.)



398 págs.

Ilustrações: Ingerens



O livro aborda o tema da sexualidade no âmbito pastoral.

O conteúdo divide-se em três partes: na primeira, são apresentadas as relações entre sexualidade, Igreja e pastoral; na segunda, a relação entre sexualidade, catequese e formação; na terceira, alguns desafios pastorais no âmbito da sexualidade.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

fundamental para o encontro com Jesus Cristo e sua Boa Notícia. A Palavra de Deus é transversal a toda a ação pastoral e todas as pastorais; ela nos orienta para o encontro vivo com Jesus, para a vida em comum e na sociedade.

CONCLUSÃO

A animação bíblica, assim entendida, é muito mais que ler a Bíblia ou citá-la de maneira fundamentalista. Mesmo no tempo de Jesus, havia grupos religiosos que empregavam as Escrituras para discriminar e excluir pessoas, legitimar a violência, a difamação, a perseguição, como encontramos nos relatos dos quatro Evangelhos, e, em nosso tempo atual, diversas mensagens viralizadas nas redes sociais fazem de modo semelhante. É necessário que as Sagradas Escrituras sejam interpretadas à luz da pessoa e da prática de Jesus de Nazaré, que veio para que todos tenham vida, e a tenham em abundância (Jo 10,10); que colocou a pessoa humana acima de todas as leis, normas e ritos religiosos ou culturais (Mc 2,27-28); que empregou as Escrituras na sua relação com Deus Pai, misericordioso e compassivo, libertador e fonte de vida para seu povo e toda a sua criação.

O magistério da Igreja e as conferências episcopais têm proposto, com muita insistência, que a animação bíblica seja uma realidade efetiva em toda ação pastoral, mas na prática a implementação proposta pelos documentos ainda é um caminho a percorrer em muitos regionais, dioceses, paróquias e comunidades. É necessário passar das orientações escritas para a práxis pastoral. Para que a Palavra de Deus se torne fonte geradora de encontros salvíficos, todos os agentes de pastoral devem se colocar continuamente como discípulos ouvintes da Palavra, para que o diálogo com Deus possa ser a fonte de comunhão entre todos aqueles que se põem a serviço do seu povo.

vp

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERIGO, G. El anuncio del concilio. De la seguridad del baluarte a la fascinación de la búsqueda. In: ALBERIGO, G. *Historia del Concilio Vaticano II*. Salamanca: Sígueme, 1999. v. 1.
- BENTO XVI, Papa. *Verbum Domini*: Exortação Apostólica Pós-sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2010.
- BOEVE, Lieven. Revelation, Scriptures and Tradition: lessons from Vatican II's Constitution "Dei Verbum" for contemporary theology. *International Journal of Systematic Theology*, Wollerau, v. 3, n. 4, 2011.
- BUITRAGO LÓPEZ, César de Jesús. *Fontanalidad de la Palabra de Dios en vista a la nueva evangelización*: génesis de la Animación Bíblica de la Pastoral, su gestación y recepción en el magisterio de la Iglesia. Bogotá: Celam, 2019. t. 1.
- BUITRAGO LÓPEZ, César de Jesús. *Fontanalidad de la Palabra de Dios en vista a la nueva evangelización*: teología de la Animación Bíblica de la Pastoral. Fundamentación y actualidad. Bogotá: Celam, 2019. t. 2.
- BUITRAGO LÓPEZ, César de Jesús. *Fontanalidad de la Palabra de Dios en vista a la nueva evangelización*: perspectivas y desafíos de la Animación Bíblica de la Pastoral. Bogotá: Celam, 2019. t. 3.
- CNBB. *Discípulos e Servidores da Palavra de Deus na Missão da Igreja*. Brasília, DF: Edições CNBB, 2012. (Documentos da CNBB, 97.)
- COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituições, decretos, declarações*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- FARAOANU, Lulian. Word, revelation and interpretation in the light of the "Dei Verbum". *International Letters of Social and Humanistic Sciences*, Wollerau, v. 63, p. 11-30, 2015.
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2017.

ROTEIROS HOMILÉTICOS

Ir. Izabel Patuzzo, pime*



Acesse também o programa **Palavra Viva** pelo QR code ao lado.

Cada um dos roteiros está acompanhado de códigos QR  que remetem para as plataformas digitais de músicas  Spotify e  YouTube Music e trazem sugestões de cantos para a respectiva celebração. Ouça os álbuns Paulus, de forma gratuita, nas principais plataformas de *streaming*.

6º DOMINGO DA PÁSCOA

5 de maio



Deus nos amou primeiro

I. INTRODUÇÃO GERAL

As leituras deste domingo nos convidam a contemplar o amor de Deus, que se manifesta de muitos modos na história da salvação, mas sobretudo por meio de Jesus Cristo, que, por palavras e gestos, tornou esse amor visível aos olhos humanos. Somos convidados a amar uns aos outros porque Jesus nos ama. Somos convidados a reconhecer que qualquer pessoa que não ama, não pauta sua vida segundo a proposta de Deus. O amor divino pela criatura humana é incondicional, não exclui ninguém. Na primeira leitura, o texto dos Atos dos Apóstolos nos mostra que a salvação oferecida por Deus em Jesus Cristo deve ser levada ao mundo por meio dos discípulos; eles são enviados como portadores dessa proposta amorosa de Deus, que inclui todas as nações e todas as categorias de pessoas. A segunda leitura apresenta uma das mais belas e completas definições acerca do amor do Criador pela criatura: a pessoa de Jesus Cristo é a forma

visível, palpável, do amor do Pai. Em Jesus, o amor de Deus pela humanidade se torna concreto em palavras e obras. No Evangelho, Jesus define as coordenadas do caminho de seu discipulado, que consiste em testemunhar o mandamento do amor a Deus e ao próximo ao longo da vida toda, a exemplo dele, que deu sua vida por amor.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 10,25-26.34-35.44-48)

A leitura relata um fato ocorrido quando a Igreja, em situação de diáspora, anuncia o Evangelho aos gentios. O texto deste domingo nos narra a conversão do gentio Cornélio, a qual consiste num dos pontos altos dos Atos dos Apóstolos. Cornélio era o centurião encarregado da corte romana da cidade de Cesareia. Era um prosélito que certamente temia a Deus e simpatizava com os ensinamentos do judaísmo, mas não se tornava membro pleno da comunidade judaica por meio da circuncisão.

A conversão de Cornélio é um evento extremamente importante, pois demonstra que o Evangelho se dirige a todas as pessoas e que o poder do Espírito Santo não conhece limites. Até esse ponto, o Evangelho havia sido pregado apenas aos judeus. Sua extensão aos samaritanos foi vista como um anúncio de salvação para pessoas que, em algum momento, haviam feito parte do povo escolhido.

*Ir. Izabel Patuzzo pertence à Congregação Missionárias da Imaculada. Mestre em Aconselhamento Social pela South Australian University e em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Licenciada em Filosofia e Teologia pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção. Doutora em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: isabellapatuzzo@hotmail.com

Ao pregar apenas aos judeus, os discípulos estavam considerando o fato de que o povo de Israel era o único povo escolhido por Deus para ser portador das promessas divinas – portanto, tinha o direito de ser o primeiro a receber a mensagem definitiva de salvação. Jesus mesmo agira com base nesse princípio e dissera a seus discípulos que pregassem apenas “às ovelhas perdidas de Israel” (Mt 10,6).

Agora, Deus intervém para fazer Pedro perceber que a Boa-nova do Evangelho se destina a todos. É seu desejo que todas as pessoas sejam salvas; portanto, os cristãos precisam abandonar as ideias restritas do judaísmo em relação à abrangência da salvação e proclamar a Boa-nova até os confins da terra, para todas as pessoas em todas as terras.

2. II leitura (1Jo 4,7-10)

Criados à imagem e semelhança de Deus, somos chamados a demonstrar essa filiação divina em nossas relações com os outros. Cumpre-nos demonstrar amor em nossas interações com o próximo. Não se trata do amor que é natural ao ser humano, mas do amor que foi revelado por Deus e é percebido pela fé. Essa realidade é muito bem retratada na primeira carta de João às comunidades da Ásia Menor das quais ele cuidava pastoralmente. O mandamento do amor a Deus e ao próximo é a máxima da identidade cristã. Por isso, João define Deus como amor. O autor está plenamente convencido de que o amor é a característica mais marcante do ser de Deus. E a prova mais concreta desse amor consiste em ter enviado seu único Filho ao mundo para expressar, em plenitude, o amor do Pai pela humanidade.

Os discípulos de Jesus, com a plena consciência de sua filiação divina, devem transparecer, com sua vida, que acreditam em um Deus cujo amor é incondicional, total e radical. A segunda leitura afirma que conhecer a Deus significa viver na íntima relação com o Transcendente e com os irmãos e

irmãs. Quem nasce de Deus deve, pois, amar os irmãos e irmãs com o mesmo amor incondicional, desinteressado e gratuito que caracteriza o amor de Deus. Ser filho e filha de Deus é viver nessa profunda comunhão, expressa no mandamento do amor.

3. Evangelho (Jo 15,9-17)

O texto do Evangelho deste domingo está situado no longo discurso de despedida de Jesus a seus discípulos durante a última ceia e após lavar os pés dos discípulos. Esses eventos, segundo João, caracterizam-se como a grande manifestação de amor de Jesus, que amou os seus até o fim. No discurso de despedida narrado por João, podemos ver o dinamismo que emana de um gesto em si, o lava-pés, para sintetizar a entrega total de Jesus por amor, na liberdade e no serviço. Portanto, esse gesto é um dos sinais de sua identidade e apela à fé daqueles que observam sua ação e ouvem seu longo discurso de despedida. Seus gestos e palavras são indicações de atitudes exigidas também daqueles que se põem no caminho de seu seguimento, incluindo os que se tornarão seus discípulos no futuro. Na narrativa joanina da paixão, há um desenvolvimento desse ato de amor radical de Jesus, que é a livre entrega na cruz. É uma entrega percebida por João como a glorificação de Jesus e descrita como a passagem da Palavra que se fez carne e que agora se prepara para voltar ao Pai.

Esse texto nos revela que Jesus é o Filho amado que foi enviado pelo Pai a este mundo para testemunhar o seu amor. Do mesmo modo, o Filho escolheu e enviou seus discípulos ao mundo para continuar sua missão e, por toda a vida, testemunhar a graça divina. Portanto, fazer parte da comunidade dos seguidores de Jesus não consiste em olhar para o céu, contemplando e admirando o Mestre, mas sim em repetir seus gestos e palavras de amor – de modo particular, em favor daqueles que mais necessitam de nosso cuidado, como os pobres,

os excluídos, os pequenos, os abandonados, os doentes e todos aqueles que dependem de nossa solidariedade e misericórdia.

As palavras de Jesus, nesse momento de despedida, deixam claro que seus discípulos não estarão sozinhos em seus desafios e sofrimentos. Jesus lhes assegura que ele mesmo cuidará daqueles que o Pai lhe confiará até o fim dos tempos, intercedendo por todos. Seu amor sustentará os seus no serviço de doação aos irmãos. Identificado com Jesus e sua mensagem, o grupo dos que celebram com ele a última ceia tem plena solidariedade e apoio. Ao deixar o mandamento do amor, Jesus propõe outra chave de compreensão para a fecundidade da videira que havia mencionado anteriormente. A condição para dar frutos, agora, consiste em permanecer unidos a ele e aos demais pelo vínculo do amor. Esse novo modo de expor a relação entre o Pai, ele próprio e os discípulos não deixa dúvidas de que a amizade entre todos supõe o dar a vida por aqueles que amamos.

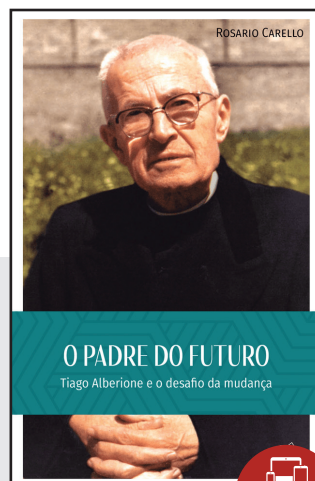
III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A Palavra de Deus nesta liturgia nos chama a confirmar, em nosso coração e em nossas ações, a novidade de sermos discípulos do Filho de Deus. No que se refere ao relacionamento com Deus, a escuta da realidade em que servimos, o compromisso e a atenção com a comunidade de fé são como sementes de compromisso com a Palavra de Deus, a qual nos motiva a tomar atitudes e fazer escolhas possíveis para viver o amor incondicional que Jesus propõe.

O relacionamento com Deus nos faz crescer na consciência de estarmos em relação com a Trindade. Somos pensados, queridos, presenteados com a riqueza da graça divina, salvos pelo amor do Pai, do Filho e do Espírito que acompanha os discípulos. Desse modo, nossa resposta ao amor de Deus, que nos amou primeiro, consiste em servir e amar os irmãos e irmãs que ele nos confia.

O Padre do Futuro: Tiago Alberione e o desafio da mudança

Rosario Carello



128 págs.

Imagens meramente ilustrativas.



Quem é Padre Tiago Alberione, o místico bem-aventurado que atravessou o século XX inventando novos modos de levar a todos a Palavra redentora de Deus? Este livro pretende narrar a epopeia do homem que deu à Igreja novos meios para se expressar por meio de um carisma que é muito mais atual hoje do que quando nasceu.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

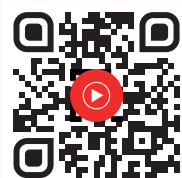
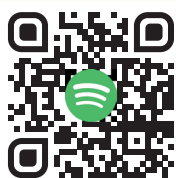
A escuta da realidade nos leva ao contínuo esforço de adotar um modo de amar que seja gerador de relacionamentos livres e libertadores, ou seja, não fundamentados em interesses materiais, mas na gratuidade, na doação generosa aos irmãos mais necessitados.

O compromisso com a realidade implica dar a própria vida, de diversas formas, como expressão concreta da caridade. Os diferentes contextos em que somos chamados a dar testemunho de nossa fé em Jesus Cristo requerem abertura a novas experiências de solidariedade, comunhão, partilha de vida, de dons e serviços aos necessitados.

As leituras desta liturgia nos convidam à vivência comunitária como uma missão de amor. A imagem da Trindade nos ajuda a recuperar a alegria de sermos chamados para seguir o caminho do discipulado de Jesus Cristo; somos destinatários de uma proposta amorosa de salvação, a qual somos convidados a irradiar ao nosso redor.

ASCENSÃO DO SENHOR

12 de maio



Sereis minhas testemunhas desde Jerusalém até os confins do mundo!

I. INTRODUÇÃO GERAL

A solenidade da Ascensão do Senhor nos recorda que Jesus nasceu, sofreu, morreu e ressuscitou dos mortos por nós. Agora, ele retorna ao Pai porque cumpriu sua missão terrena e por isso recebe do Pai a autoridade para nos enviar em missão. Jesus, ao retornar ao Pai, assegura aos seus discípulos que permanecerá com os seus até o fim.

A primeira leitura, dos Atos dos Apóstolos, relata a ascensão do Senhor. As últimas palavras de Jesus aos seus discípulos, segundo esse relato, são estas: “Recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra”. Fica claro que o Espírito Santo é o último dom do Ressuscitado à comunidade dos discípulos. Fortalecida pelo poder do Espírito Santo, a Igreja vence o medo e se põe no caminho do testemunho público de Jesus Cristo.

A segunda leitura, tomada da carta aos Efésios, apresenta-nos uma meditação sobre o que significa a ascensão de Jesus à glória depois de ter descido a este mundo para dar sua vida pela nossa salvação. Esse texto nos faz forte convite a tomarmos consciência da esperança a que fomos chamados: a vida plena em comunhão com Deus. Abraçar a fé em Jesus Cristo significa caminhar ao encontro dessa esperança como membros de um só corpo, cuja cabeça é Jesus Cristo. Na conclusão do Evangelho de São Marcos, temos novamente o desafio de proclamar nossa fé: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura”. Jesus aparece aos seus discípulos para ajudá-los a vencer o medo, a desilusão, o comodismo, e enviá-los em missão ao mundo inteiro como testemunhas de seu projeto de salvação.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 1,1-11)

A leitura dos Atos dos Apóstolos desta solenidade vincula a missão do Ressuscitado com a missão da comunidade dos discípulos. Ao dirigir-se a Teófilo, cujo nome significa “amigo de Deus”, nos dois relatos – no Evangelho e em Atos –, Lucas quer expressar que, na ascensão, Jesus estabelece uma continuidade entre a sua missão e a missão de seus discípulos.

No relato da ascensão, Jesus dirige suas últimas palavras aos discípulos, prometendo-lhes o dom do Espírito Santo: “Sereis

batizados no Espírito Santo [...] e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra” (v. 8). A tarefa da construção do Reino, iniciada por Jesus, não se encerra com sua ressurreição; precisa ser concretizada continuamente na história, e isso exige empenho de todos aqueles e aquelas que o seguem. É para a missão de construir o Reino de Deus que Jesus diz que precisamos da força do Espírito Santo.

Na ascensão, Jesus conclui seu ensinamento e sua missão terrena. Assim, Lucas nos narra a exaltação de Jesus Cristo. Ele é envolvido pelas nuvens, que estão entre o céu e a terra, para exprimir sua divindade. Com essas imagens, o evangelista expressa o mistério de Deus – escondido, mas presente. Céu e terra, presença e ausência, luz e sombra, divino e humano são as dimensões aqui reveladas pelo Ressuscitado, que é elevado à glória do Pai, mas continua presente na comunidade cristã pela força do Espírito Santo. Os dois homens vestidos de branco, que simbolizam criaturas divinas, exortam a comunidade a contemplar o que se passa na terra, pois Jesus já retornou ao Pai. Por isso, convidam os discípulos a continuar o caminho de Jesus, olhando para o futuro e entregando-se ao seu projeto de construção do Reino. Com o relato da ascensão, Lucas quer ressaltar que a pregação e o testemunho das comunidades cristãs são uma obra enraizada no próprio Jesus e impulsionada pelo Espírito Santo.

2. II leitura (Ef 1,17-23)

A segunda leitura, da carta aos Efésios, é uma oração de intercessão pelos cristãos destinatários da carta e uma ação de graças a Deus por aqueles que abraçaram a fé em Jesus Cristo. O centro dessa oração é a intercessão ao Pai para que conceda à comunidade de Éfeso o espírito de sabedoria, como dom precioso do Espírito Santo. Essa sabedoria consiste em compreender o propósito salvífico de Deus, recebido com uma grande bênção.

Essa oração nos recorda que os cristãos foram adotados como membros da família divina por meio de Jesus Cristo. Portanto, a vocação cristã se origina exclusivamente na graça de Deus, que nos elegeu como filhos e filhas gratuitamente. Chamados a viver na esperança e na confiança, os discípulos têm um propósito: viver na luz para vencer as obras das trevas. Como filhos de Deus e coerdeiros de Cristo, herdarão as bênçãos espirituais para caminhar na luz e vencer as trevas do mal. Por isso, os destinatários dessa mensagem não precisam temer nenhuma força cósmica, pois é o poder de Deus que age no mundo.

Essa bela oração descreve como Deus concedeu a herança aos cristãos e como se realiza a extraordinária grandeza de seu poder em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o assentar-se à sua direita nos céus, acima de todo principado, autoridade, poder e soberania. Dizer que Jesus é a cabeça da Igreja significa que ele e sua comunidade formam uma só unidade e, entre os dois, há uma comunhão total de vida e de destino; significa também dizer que Cristo é o centro ao redor do qual se articula e se organiza todo o corpo; significa ainda que toda a Igreja está submetida à sua obediência e depende dele para ter vida em plenitude. Ela é o receptáculo, a habitação onde Cristo se torna presente no mundo pela ação de seu corpo, isto é, da comunidade dos fiéis.

3. Evangelho (Mc 16,15-20)

A liturgia deste domingo da Ascensão apresenta a conclusão do Evangelho segundo o relato de Marcos. O evangelista narra o desafio que é, para os discípulos de Jesus, proclamar a Boa-nova a toda a criação. As primeiras comunidades cristãs viram e celebraram esse evento para fazer memória da continuidade da obra de Cristo: elas eram sustentadas por sua presença, de modo que ele não estava apenas à direita do Pai, mas com elas em suas provações, protegendo-as.

E porque Cristo estava com elas, tiveram a força de ir além-fronteiras, pregando seu Evangelho e tornando-o presente em todos os lugares.

Essa leitura faz parte do longo discurso final do Evangelho segundo Marcos, o qual apresenta um último resumo da explicação do significado da vida, morte e ressurreição de Jesus. Marcos não oferece uma descrição da ascensão do Senhor, mas vê todo o mistério da salvação à luz da Páscoa. Trata-se da Boa Notícia de que todos os que respondem a Jesus com fé são salvos, e o poder do Cristo ressuscitado estará com a Igreja para garantir o sucesso de sua missão. Os sinais mencionados não devem ser interpretados literalmente, mas mostram que, em Jesus, o bem triunfa e o mal foi derrotado. A afirmação de que aqueles que não acreditam serão condenados é entendida pela Igreja não como uma afirmação de que apenas os cristãos entrarão no céu; antes, é um alerta sobre aqueles que se recusam conscientemente a responder ao Deus que atua em suas vidas. Aos cristãos é sempre pedido que deixem o julgamento para Deus.

A questão central desses versículos é o papel dos discípulos no mundo, após a partida ao encontro do Pai. O texto apresenta três diretivas: é Jesus quem define a missão dos discípulos; ele terminou sua missão terrena e retorna ao Pai; os discípulos são enviados a atuar no mundo, a fim de concretizar a missão que Jesus lhes confiou. O anúncio da Boa Notícia de Jesus Cristo deve atingir a todos. A proclamação do Evangelho destina-se a transformar todas as situações de pecado, propondo nova forma de relação entre as pessoas e com a natureza. Em suma, a festa da Ascensão é, sobretudo, o momento em que a Igreja toma consciência de sua missão e de sua natureza missionária para testemunhar a proposta de salvação e libertação ao mundo inteiro.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

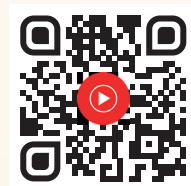
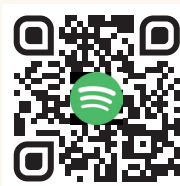
Jesus foi ao encontro do Pai depois de se doar totalmente à construção de um mundo melhor, que ele definiu como a chegada do Reino de Deus. Portanto, celebrar a Ascensão do Senhor significa, em primeiro lugar, tomar consciência da missão que Jesus confia a todos os seus discípulos e discípulas, na qual todos somos responsáveis por tornar o Reino de Deus uma realidade neste mundo.

A missão que Jesus confia à Igreja tem uma dimensão universal. Supera as fronteiras geográficas, de raça, de cultura, de grupos sociais, pois isso não deve ser obstáculo para o anúncio da Boa-nova de Jesus Cristo. Temos consciência de que a missão a nós confiada é construir a fraternidade universal? Temos consciência de que Jesus nos envia a superar todas as barreiras que impedem a humanidade de ser herdeira da graça da salvação? Tenho consciência de que sou responsável por superar todas as formas de divisões que afastam as pessoas da proposta divina de libertação e salvação?

A vocação cristã é um desafio constante para testemunhar os valores do Reino anunciados por Jesus. Somos chamados e enviados por ele para produzir frutos que permanecem para sempre. Frutos do amor, da solidariedade, da justiça, do cuidado ao necessitado.

PENTECOSTES

19 de maio



O Espírito Santo: dom do Ressuscitado a todos os povos!

I. INTRODUÇÃO GERAL

Com a celebração da solenidade de Pentecostes, concluímos o tempo pascal. Em Pentecostes, celebramos a descida do Espírito

Santo sobre os apóstolos reunidos em oração com Maria no cenáculo, em Jerusalém. Esse evento marca o início da Igreja. A vinda do Espírito Santo, segundo o relato da primeira leitura, reinterpreta a festa judaica das Colheitas, que recordava a entrega da Torá ao povo escolhido. Desse modo, Lucas sugere que o Espírito Santo confirma a Nova Aliança. Na segunda leitura, o apóstolo Paulo se dirige à comunidade de Corinto por meio de uma linguagem simbólica; a comunidade é como um corpo harmonioso, no qual cada membro recebe do Espírito Santo dons particulares para se pôr a serviço de todos. O Evangelho segundo João nos narra o encontro do Ressuscitado com os discípulos. Jesus Cristo sopra sobre eles o Espírito Santo, o Consolador, que os ajudará a recordar tudo o que Jesus lhes ensinou e lhes permitirá ser testemunhas dele no mundo inteiro.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

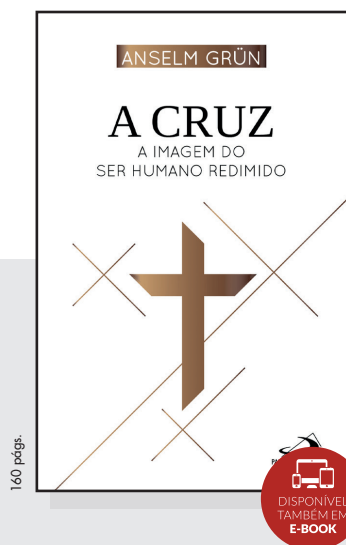
1. I leitura (At 2,1-11)

Na primeira leitura, Lucas situa a experiência da vinda do Espírito Santo sobre os apóstolos e Maria no cenáculo no contexto da celebração judaica de Pentecostes. Essa festa era celebrada cinquenta dias depois da Páscoa. Originalmente, era uma festa agrícola, na qual se agradecia a Deus pelos frutos da terra, sobretudo o trigo e a cevada, alimentos fundamentais para as pessoas se manterem no dia a dia. Num momento posterior, a festa passou a recordar também a entrega do Decálogo no monte Sinai, quando Israel se torna o povo de Deus. Lucas faz uma nova leitura dessa festa, vinculando o dom do Espírito Santo com a Nova Aliança selada por Jesus Cristo com todos os seus discípulos. O Espírito Santo unge a nova comunidade do povo de Deus para uma missão universal.

O propósito do dom de línguas concedido pelo Espírito Santo a todos os que estavam reunidos em oração é que a glória de Deus possa ser proclamada e todas as pessoas

A Cruz: A imagem do ser humano redimido

Anselm Grün



Nesse livro o autor se concentra no significado teológico, psicológico e simbólico da cruz. O que nos diz a cruz que colocamos como decoração em nossas casas, que penduramos em nossos peitos, com a qual nos benzemos cada dia e que traçamos também como bênção sobre outras pessoas?



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

possam entendê-la. Desse modo, o Espírito Santo é descrito com a imagem de línguas de fogo, para evocar sua força e sinalizar que ele, de fato, aquece os corações. A simbologia das línguas de fogo ressalta que o batismo no Espírito Santo torna a comunidade dos discípulos capaz de criar laços duradouros, que vão além da comunicação em linguagem compreensível aos interlocutores. A língua não é somente uma expressão de identidade cultural de um grupo humano, mas pode ser também motivo de separação, segregação e preconceitos. Em Pentecostes, falar em línguas significa falar a linguagem do amor que Jesus revelou.

A manifestação do Espírito Santo leva os discípulos a se comunicarem de um modo novo, a estabelecer novos laços entre as pessoas de diversas raças e culturas – laços de fraternidade, solidariedade e compreensão que superam todas as formas de preconceito. É o Espírito Santo que possibilita a todos ouvir a proclamação das maravilhas de Deus segundo o horizonte de compreensão de sua língua, de sua cultura e de seu modo de pensar, enriquecendo a todos. Os povos convocados pelo Espírito divino atingem os representantes de todos os povos circunvizinhos até chegar aos confins do mundo. A comunidade de Jesus é, assim, capacitada pelo Espírito para criar nova humanidade, sem divisões.

2. II leitura (1Cor 12,3b-7.12-13)

Na segunda leitura, Paulo se dirige à comunidade de Corinto, que, apesar de viva e fervorosa, tinha dificuldades de acolher judeus, prosélitos e gentios. Por isso, não era uma comunidade exemplar, e havia divisões entre os membros. O apóstolo, diante disso, fala dos dons do Espírito Santo como carismas que devem ser postos a serviço de todos. E o grande dom ou carisma consiste em confessar que Jesus é o Senhor. De resto, é preciso que os membros da comunidade tenham consciência de que, apesar da

diversidade de dons espirituais, é o mesmo Espírito que atua em todos; *ele* é a origem dos carismas, e não os méritos pessoais.

Paulo conclui sua reflexão comparando a comunidade a um corpo com muitos membros. Essa metáfora ajuda a compreender que, apesar da diversidade de membros, cada um tem uma função específica: o corpo é um só, e todos devem colaborar, de modo harmonioso, para que todo o corpo seja saudável. Em todos os membros circula a mesma vida, pois todos receberam o mesmo Espírito no batismo. O Espírito Santo é, pois, apresentado como aquele que alimenta e dá vida a todo o corpo. Dele emana toda força de coesão e unidade entre os diversos membros; ele é a fonte que faz brotar a fraternidade e a unidade entre todos os membros da comunidade.

3. Evangelho (Jo 20,19-23)

O texto do Evangelho segundo João nos apresenta o relato da aparição de Jesus ressuscitado no centro de sua comunidade. O Ressuscitado é para ela a fonte de vida, o ponto de referência e o vínculo de unidade. Sua saudação – “A paz esteja convosco” (v. 19) – está em perfeita continuidade com sua oração de despedida na última ceia, quando declarou: “Deixo-vos a paz! Minha paz vos dou” (Jo 14,27). Jesus revela que está vivo e presente no meio deles, assegurando a mesma paz que havia desejado antes de sofrer a paixão.

O efeito do encontro com Jesus ressuscitado é a alegria, como ele próprio havia anunciado: “Não vos entristeçais, pois vossa tristeza se converterá em alegria” (Jo 16,20). Para designar a nova missão dos discípulos, Jesus repete a mesma saudação. Antes de sofrer a paixão, pretendia libertar os discípulos do medo de sua condenação e morte na cruz; agora, assegura-lhes a vitória sobre a morte. Essa coragem e segurança devem acompanhá-los na missão que estão iniciando; e essa missão deve ser cumprida como Jesus cumpriu a sua, amando-os até o fim.

Ao soprar o Espírito Santo sobre os discípulos, Jesus infunde neles seu alento de vida. O Espírito é o princípio vital para que o plano salvífico de Deus se realize na história. O Espírito que receberam é quem lhes assegurará a força para serem testemunhas fiéis perante o mundo. Eles são revestidos da força do alto para dar continuidade à obra de Jesus. A comunidade dos discípulos é chamada a fazer brilhar no mundo a glória do amor do Pai pelo Filho e do Filho pelos seus.

Dessa maneira, a comunidade cristã constitui-se ao redor de Jesus, vivo, presente, crucificado e ressuscitado. Ele está no meio deles, revestindo-os de confiança ao lhes mostrar os sinais de sua vitória sobre a morte. Sua presença é ativa, e do dom do Espírito Santo concedido a todos os que se encontram reunidos brota a força de vida que anima os discípulos na missão. A experiência comunitária desse amor, expresso na morte de Jesus e em sua vitória sobre a cruz, dá-se agora na celebração da Eucaristia. Portanto, a comunidade que a celebra acha-se, assim, revestida do Espírito Santo, para que também cada um de seus membros faça de sua vida um dom para os outros, a exemplo de Jesus Cristo.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

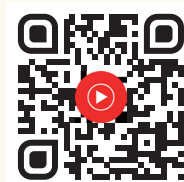
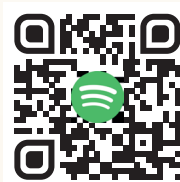
No contexto da festa de Pentecostes, as leituras nos lembram da conexão integral entre os dons da paz, da unidade, do perdão e a ação do Espírito Santo. No Evangelho, Jesus saúda seus discípulos com o presente da paz. Em seguida, envia-os a continuar o trabalho que ele começou: “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio”. Ele sopra o Espírito Santo sobre os discípulos e os envia para continuar seu trabalho de reconciliação mediante o perdão dos pecados. O ato de Jesus de soprar o Espírito Santo sobre os apóstolos espelha o ato de Deus de soprar vida em Adão. Na verdade, tanto a palavra grega quanto a hebraica para “espírito” também podem ser traduzidas como

“respiração”. A celebração de Pentecostes nos lembra de que a Igreja é chamada a ser uma presença reconciliadora no mundo. A presença reconciliadora de Cristo é celebrada na vida sacramental da Igreja. No sacramento do batismo, somos purificados do pecado e nos tornamos nova criação em Cristo. No sacramento da penitência, a Igreja celebra a misericórdia de Deus por meio do perdão dos pecados. Essa presença reconciliadora também deve ser um modo de vida para os cristãos. Em situações de conflito, cabe-nos ser agentes de paz e harmonia entre as pessoas.

A comunidade cristã só existe de forma consistente se está centrada em Jesus Cristo e se deixa conduzir pelo Espírito Santo. É nele que superamos todos os medos, tribulações, inseguranças, limitações, falta de unidade, para assumir, com compromisso radical, a missão que ele nos confia. As leituras deste domingo nos interrogam: nossas comunidades se organizam e se estruturam em torno de Jesus? Jesus é nosso modelo de referência? Deixamos que o Espírito Santo nos anime na missão?

SANTÍSSIMA TRINDADE

26 de maio



Um Deus em três pessoas!

I. INTRODUÇÃO GERAL

Hoje, no primeiro domingo após Pentecostes, celebramos um dos maiores mistérios da nossa fé cristã: a Santíssima Trindade. Essa festa nos convida a refletir sobre o que acreditamos a respeito de Deus, que se revelou a nós na Trindade, como um só Deus em três pessoas. Esta celebração nos lembra de que o Pai, o Filho e o Espírito Santo atuam no mundo em perfeita comunhão. Eles nunca estão separados,

embora cada um deles seja uma pessoa divina distinta. Há uma unidade de essência e relação dentro das três pessoas divinas.

Na primeira leitura, o Senhor Adonai se revela como Deus de relação, que se aproxima de seu povo para estabelecer comunhão. Nas planícies de Moab, ele impele Moisés, agora próximo da morte, a mais uma vez proclamar a Lei recebida por meio da revelação no monte Sinai. Essa proclamação está contida no quinto e último livro do Pentateuco, chamado de Deuteronomio, ou segunda lei. Na segunda leitura, ouvimos São Paulo nos dizer que, por meio do Espírito Santo, o cristão se torna filho de Deus e é destinado à glória eterna. Embora Paulo não esteja preocupado em oferecer nenhum ensinamento sistemático sobre a Santíssima Trindade, apresenta as três pessoas divinas em suas formas e ações concretas: “Guiados pelo Espírito, somos filhos de Deus [...] E somos herdeiros com Cristo”. É o mesmo Espírito que procede tanto do Pai quanto do Filho que nos ajuda a chamar Deus de Abbá, Pai. No texto do Evangelho segundo Mateus, o próprio Cristo nos revela o mistério das três pessoas divinas em seu mandato missionário: “Ide e fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”. Portanto, essa é a fórmula trinitária de integrar todos os discípulos no mistério da comunidade trinitária.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Dt 4,32-34.39-40)

O texto proposto nesta leitura é, provavelmente, uma redação do final do exílio babilônico, quando Israel estava mergulhado em outra cultura, hostilizado por ser fiel às suas tradições e à Lei mosaica. A leitura nos apresenta Moisés, diante dos israelitas, fazendo memória histórica da iniciativa amorosa de Deus em favor de seu povo. Deus escolheu se revelar a nós como é: o único Deus verdadeiro.

Ao convidar o povo a contemplar a história desde a criação até o momento presente, o autor sagrado faz uma catequese que tem por finalidade recordar que a relação entre Deus e Israel é maravilhosa, pois Deus tem continuamente se empenhado para estabelecer comunhão com seu povo, agraciando-o com sua presença amorosa.

O autor deuteronomista, ao apresentar a figura de Moisés falando ao povo, deseja apontar caminhos para Israel enfrentar a dura realidade do exílio. Em primeiro lugar, Israel deve responder aos apelos de Deus, reconhecendo-o como o único Deus. A fidelidade a ele é fonte de vida, de salvação, de felicidade e liberdade, independentemente da situação em que estão mergulhados. A constatação da presença amorosa e contínua de Deus em seu meio ajuda o povo a construir a esperança e a não depositar a confiança em um futuro feliz em poderes terrenos e passageiros. Em segundo lugar, Israel deve pôr em prática os Mandamentos, onde quer que esteja, pois esse é o caminho que conduz à vida e à verdadeira felicidade. Esse caminho apontado para a comunidade dos fiéis não é de servidão e submissão, mas de segurança que garante a vida plena, e a história testemunha a favor disso. Portanto, os Mandamentos são diretivas essenciais que devem ser seguidas independentemente das atuais circunstâncias sociopolíticas.

2. II leitura (Rm 8,14-17)

Nessa leitura, da carta de Paulo aos cristãos de Roma, o apóstolo nos oferece uma descrição muito simples e prática da relação do fiel com a Trindade. Uma coisa é conhecer a doutrina de que Deus é Pai, Filho e Espírito, mas ainda podemos nos perguntar: que impacto a fé na Santíssima Trindade tem na minha vida? São Paulo diz que é o Espírito quem nos torna “filhos de Deus”.

A catequese de Paulo, nesse texto, chega a um dos pontos mais altos da compreensão da vida nova que recebemos no batismo.

No pensamento paulino, abraçar a fé em Jesus Cristo e ser batizado significa escolher não ser escravo da Lei e do pecado, e mergulhar no que ele chama de “vida segundo o Espírito”. A partir daí, o cristão passa a integrar a família de Deus. Dirigir-se a Deus como Abbá traduz a intimidade filial, que define uma relação pautada pelo amor, pela familiaridade, pela confiança e pela ternura.

A condição de filhos e filhas nos conduz à condição de herdeiros da salvação em Jesus Cristo, pois a herança reservada a todos os que abraçaram a fé cristã, aceitando a proposta divina, é a vida plena. Essa é a herança reservada a quem se dispõe a percorrer o caminho do amor, da doação e da entrega de vida. Aqui vemos a ação da Santíssima Trindade em nós: Deus, nosso Pai, Jesus, que se fez nosso irmão, e o Espírito tornando nossa adoção concreta e real.

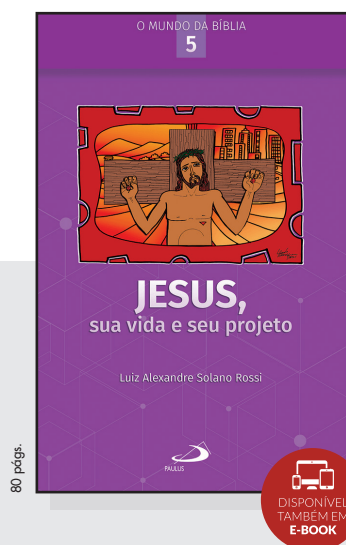
3. Evangelho (Mt 28,16-20)

A leitura do Evangelho segundo Mateus proposta para esta liturgia nos apresenta as instruções finais do Ressuscitado aos seus discípulos. Jesus Cristo envia seus discípulos em missão para pregar a Boa Notícia, fazer todos os povos discípulos seus e batizar a todos em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Mateus situa o encontro do Ressuscitado com seus discípulos na Galileia. Isto é, no mesmo lugar em que Jesus de Nazaré iniciou sua missão pública. É aí também que os discípulos começam sua nova missão. O evangelista nos faz conhecer também que houve dúvidas entre os discípulos. Aqueles que reconheceram Jesus como o Senhor ressuscitado se prostraram em adoração, porém essa fé se vive também em meio a dúvidas. Mateus não retrata a fé dos discípulos como inabalável, pois, ao longo do caminho, há incertezas próprias do ser humano. Apesar disso, os discípulos põem-se a serviço da missão.

Jesus, sua vida e seu projeto

Luiz Alexandre Solano Rossi



Quem é esse Jesus? Para conhecê-lo mais e melhor, o autor seleciona trinta “cenas da vida de Jesus”, a fim de ilustrar como ele se encarnava e assumia diariamente as dores e o sofrimento de tantas pessoas. Jesus, o mais fascinante projeto de vida, chama cada um de nós para trilhar os mesmos caminhos: pelas trilhas do mundo, a caminho do Reino.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

O mistério de Deus que somos chamados a contemplar na solenidade da Santíssima Trindade assemelha-se à atitude dos discípulos de Jesus Cristo retratada por Mateus. Talvez não compreendamos completamente a Santíssima Trindade, mas acreditamos. Tudo o que fazemos como cristãos, fazemos em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. O Senhor lembrou aos Onze, e nos lembra, que é no poder da Santíssima Trindade e contando com sua presença que anunciamos o Evangelho e batizamos. Quando há incertezas, Jesus toma a iniciativa de se aproximar, para nos assegurar que o Pai lhe entregou todo o poder no céu e na terra a fim de nos enviar em missão.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

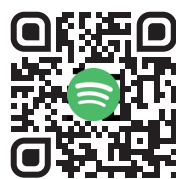
A fé que professamos na Santíssima Trindade deve se fortalecer em tempos de provação e dificuldades: se o batismo em seu nome não elimina nossos medos e incertezas, estas nossas limitações humanas não têm o poder de nos afastar de Deus; pelo contrário, aproximam-nos, porque ele não se afasta de nós. E aqueles que acolheram o convite para tomar parte da comunidade trinitária recebem a missão de continuar o projeto de Jesus Cristo, testemunhando o amor de Deus.

A missão que Jesus designou aos seus discípulos é universal. Portanto, as fronteiras geográficas, a pluralidade de raças e de culturas não podem ser obstáculos para a convivência fraterna, para a comunhão entre os discípulos. A Santíssima Trindade é fonte de inspiração para a comunhão entre as pessoas e todos os povos. E Jesus nos assegura que estará conosco até o fim dos tempos. Esta solenidade nos recorda que as três pessoas divinas não se dividem em suas ações; em vez disso, trabalham e caminham juntas. Têm a mesma missão, que é a salvação do mundo. O Pai enviou o Filho para redimir o mundo. E o Pai e o Filho nos enviaram o Espírito Santo como nosso Consolador e Advogado.

Nenhum deles tem domínio absoluto sobre um período ou tempo específico na história da salvação. Isso ocorre porque, apesar de serem três pessoas distintas, têm uma única essência e são eternamente unidas. Do mesmo modo, a vida cristã é um movimento de comunhão, de amor e de abertura ao outro, independentemente das diferenças, porque esse é o movimento da Trindade.

CORPO E SANGUE DE CRISTO

30 de maio



Eucaristia: fonte de comunhão com Deus e com os irmãos

I. INTRODUÇÃO GERAL

Hoje celebramos a solenidade de Corpus Christi. Nesta liturgia, celebramos três festas em uma: a festa do sacrifício de Cristo, a festa do sacramento da Eucaristia e a festa da real presença de Jesus. A festa do Corpo e Sangue do Senhor, em nossa fé católica, ecoa a Quinta-feira Santa, quando Jesus instituiu a Eucaristia. A Igreja nos oferece mais uma oportunidade para recordar esse evento salvífico, por meio do qual Jesus Cristo dá sua vida por nós.

A solenidade de Corpus Christi foi estabelecida com três propósitos: como Igreja universal, dar graças e louvores pela constante presença de Cristo na Eucaristia; instruir o povo de Deus acerca do mistério de fé e devoção que cerca a Eucaristia; ensinar-nos a apreciar e usufruir o grande dom que é a santa Eucaristia na vida da Igreja e de cada batizado.

As três leituras deste dia nos ajudam a refletir sobre o significado da Eucaristia. A Eucaristia é um sacrifício e um sacramento. A primeira leitura recorda que o povo no

deserto renovou a Aliança com Deus mediante a ação de Moisés, que, como mediador entre Deus e seu povo, ofereceu um animal em sacrifício, para expressar que os compromissos com a palavra e com o ritual são inseparáveis. A segunda leitura nos diz que a vida oferecida por Jesus em sacrifício lhe dá o direito de acesso ao santuário espiritual. Já o texto do Evangelho segundo Marcos nos apresenta os preparativos da última ceia pascal de Jesus com seus discípulos, inserida no contexto de sua paixão, morte e ressurreição para a salvação da humanidade.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ex 24,3-8)

A primeira leitura, do livro do Êxodo, fala-nos sobre a aliança entre Deus e o povo de Israel. Tendo falhado em cumprir as promessas feitas na época em que Deus o libertou da escravidão no Egito, Israel jura que deseja renovar seu relacionamento com ele, exprimindo isso num compromisso coletivo: “Faremos tudo o que o Senhor nos disse” (v. 3). Essa aliança foi selada com o sangue de animais oferecidos em sacrifício. Observa-se nesse texto que Moisés segue um ritual muito específico: primeiramente proclama a Lei de Deus para o povo e a explica, enquanto eles ouviam; em atitude de escuta, o povo renova e professa sua fé no Deus único, como nos recorda o autor sagrado: “Tomando o livro da aliança, ele o leu em voz alta para o povo, que respondeu: ‘Tudo o que o Senhor disse, nós obedeceremos e faremos’” (v. 7). Em seguida, o povo se dirigiu ao altar do sacrifício, onde compartilhou a vítima sacrificial como alimento. Esse sacrifício de Moisés foi um sacrifício de expiação, ou seja, para o perdão dos pecados do povo, para sua reconciliação com Deus. Esse ritual exigia fidelidade por parte do povo às promessas que estava fazendo a Deus. Ele seria o Deus deles, e eles seriam seu povo. Não é apenas uma simples aliança;

é uma aliança que envolve sangue, por isso deve ser tomada com seriedade e fidelidade.

Nessa narrativa da ratificação da Aliança, Moisés e as lideranças são chamados a subir à montanha para se aproximar de Deus e realizar esse ritual, que simboliza a comunhão com Deus. Nessa ocasião marcante, o Senhor garante a proteção de todos aqueles que seguem seu caminho e se dispõem ao seu serviço. No entanto, no decorrer da história, Israel muitas vezes não foi capaz de cumprir sua parte nesse compromisso. Foi infiel, prestando culto a outros deuses. De sua parte, Deus sempre se mostrou disposto a renovar a Aliança com seu povo e, em Jesus Cristo, ratifica-a de modo definitivo.

2. II leitura (Hb 9,11-15)

A segunda leitura, da carta aos Hebreus, dá continuidade ao tema da liturgia, explicando ainda mais o aspecto sacrificial da Eucaristia. Como, na Antiga Aliança, o povo escolhido nem sempre fora fiel, Deus dá a seu povo outra chance, em Jesus Cristo. Na prática religiosa judaica, havia a festa da Expição, também chamada de dia da Expição no livro do Levítico (Lv 23,27-28). Nessa festa solene, o sumo sacerdote realizava o ritual de expiação, entrando no Santo dos Santos para renovar a aliança do povo com Deus. Ele apresentava o povo diante de Deus, pedindo pelo perdão deles. Isso simbolizava a necessidade de a humanidade ser purificada do pecado. Esse ritual era realizado todos os anos.

O texto de Hebreus retoma o sentido dessa festa, mas sob perspectiva cristã. Afirma que somente quando Jesus veio, para fazer o sacrifício *de uma vez por todas*, é que cessou a necessidade de cerimônias de purificação. Ele se ofereceu a si mesmo como sacrifício, por isso não precisa, como os sumos sacerdotes, oferecer sacrifícios diários pelos próprios pecados e depois pelos pecados do povo. Em um único sacrifício, fez isso de uma vez por todas, entregando-se livremente na cruz.

A carta aos Hebreus afirma ainda: “Ele entrou de uma vez por todas no santuário, não com o sangue de bodes e bezerras, mas com seu próprio sangue, obtendo assim a redenção eterna” (v. 12). O sangue de touros e bodes só poderia expiar pecados se o ritual fosse realizado continuamente ano após ano, enquanto o sacrifício de Cristo foi suficiente para expiar os pecados das pessoas de todos os tempos. Jesus usou seu próprio sangue e declarou que tudo tinha sido consumado. Sua fidelidade ao Pai lhe deu toda autoridade para sentar-se à sua direita, e nenhum outro sacrifício adicional foi necessário.

3. Evangelho (Mc 14,12-16.22-26)

O relato da última ceia de Jesus com seus discípulos segundo Marcos tem como pano de fundo a tradição judaica de, no primeiro dia de Ázimos, antes do pôr do sol, imolar o cordeiro para a Páscoa. Todas as indicações de Jesus aos seus discípulos sobre como deviam preparar a ceia, segundo o evangelista Marcos, são sinais extraordinários de sua presciência acerca de seu sacrifício na cruz. Da parte de Jesus, tudo se desenvolve com pleno conhecimento prévio de sua submissão ao Pai e sua entrega voluntária ao sacrifício na cruz.

Após recitar a bênção, os discípulos são convidados a compartilhar da morte sacrificial de Jesus ao pronunciar as palavras: “Tomai, isto é o meu corpo” (v. 22). Oferece o cálice e ainda repete: “Este é o meu sangue, derramado por muitos” (v. 24). Seu sangue será derramado por todos aqueles que estão prontos para fazer sacrifícios. O sangue da Aliança é uma alusão à renovação do compromisso com Deus, selado na montanha por Moisés e pelos líderes, conforme a primeira leitura. O “derramado por muitos” está em sintonia com as promessas do cântico do Servo no livro do profeta Isaías (Is 53,12). Jesus faz alusões ao Antigo Testamento para revelar que sua entrega na cruz é um sacrifício para a redenção de muitos. Por isso, sua última

ceia não é um evento isolado da história da salvação, mas está em continuidade com a fidelidade de Deus, que oferece a salvação a todas as pessoas.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Hoje a Igreja celebra a solenidade do Corpo e Sangue do Senhor. Nessa festa, fazemos memória do mistério de Jesus Cristo livremente aceitar sofrer por nós, estar disposto a derramar seu sangue por nós. Todas as vezes que celebramos a Eucaristia, recordamos que Jesus morreu e derramou seu sangue por nós, e agora ele continua vivo e presente para sempre em nosso meio. Assim, tornou-se para nós um sacramento de unidade. Jesus está presente entre nós aqui e agora, e em todos os lugares onde o celebramos na Eucaristia. Na santa Eucaristia, sob as aparências de pão e vinho, o Senhor Jesus Cristo está contido, é oferecido e recebido. O Cristo inteiro está real, verdadeira e substancialmente presente na santa Eucaristia. Isso significa que na Eucaristia encontramos a pessoa de Jesus Cristo.

A primeira leitura nos lembra que o povo de Deus muitas vezes foi infiel à Aliança. Falhou em cumprir sua própria parte do acordo. Isso também ocorre quando comungamos o corpo e o sangue do Senhor, mas entramos em acordo com as práticas de pessoas que não estão em comunhão com Deus, que não comungam das propostas de Jesus Cristo.

Para o cristão, comungar é ser alimentado pela vida de Jesus e, assim, fortalecido pela sua presença na Eucaristia, ser capaz de amar como ele ensinou. Comungamos na Eucaristia para sermos discípulos dele. Esta solenidade leva-nos a interrogar: a Eucaristia é fonte de minha doação a Deus e aos irmãos? A Eucaristia é de fato vital para mim? Adorar Jesus presente na Eucaristia me faz uma pessoa mais fiel aos meus compromissos com Deus e com os outros?

A instituição do sacramento da Eucaristia é um grande dom que Jesus nos deixou. A Palavra e a Eucaristia são dois elementos essenciais do ritual cristão, desde o início do cristianismo. Se o alimentar-se da Palavra e da Eucaristia é vital para a vida de todas as pessoas que seguem o caminho do discipulado de Jesus, aproximamo-nos de Cristo Palavra e Eucaristia com a devida intensidade?

9º DOMINGO DO TEMPO COMUM
2 de junho



O dia do Senhor a serviço da vida!

I. INTRODUÇÃO GERAL

Esta liturgia nos fala da importância do dia do Senhor, o sábado para os judeus e o primeiro dia da semana, o domingo, para os cristãos. O dia consagrado a Deus faz memória da obra da criação, e o domingo, da obra redentora de Jesus Cristo.

A primeira leitura, extraída do livro do Deuteronômio, fala sobre o estabelecimento do sábado na vida do povo escolhido. O texto recorda que o sábado é um tempo para lembrar as grandes obras de Deus em favor de seu povo; é o dia reservado para lembrar o amor de Deus e as muitas vezes em que mostrou sua presença no meio do povo. No Antigo Testamento e certamente também agora, um dos grandes desafios é o esquecimento. A segunda leitura, retirada da segunda carta aos Coríntios, faz afirmações realmente fortes; primeiro, ouvimos de Deus: “Das trevas resplandecerá a luz, e Ele fez a luz brilhar em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face

Jesus, hebreu por parte de mãe: O Cristo de Mateus

Alberto Maggi



Alberto Maggi

**JESUS, HEBREU
POR PARTE DE MÃE**
O CRISTO DE MATEUS

80 págs.



Imagens meramente ilustrativas.

A partir da imagem de Cristo transmitida pelo evangelho de Mateus, este livro busca apresentar que Jesus não foi nem um judeu piedoso, nem um reformador. Cristo é o homem-Deus, manifestação visível do Deus invisível, o único que podia mudar a relação entre os homens e o Pai.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

de Jesus Cristo”. Em seguida, ouvimos isto: “Nós, que vivemos, somos constantemente entregues à morte por causa de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal”. Para o apóstolo Paulo, as fragilidades humanas não comprometem a mensagem evangélica, pois ela é obra de Deus. Seguindo a mesma temática, o texto do Evangelho segundo Marcos nos alerta acerca dos perigos de uma interpretação rigorista acerca do descanso sabático. Jesus nos convida a recuperar o verdadeiro sentido do descanso sagrado, que é o serviço e o amor aos mais necessitados. O dia do Senhor não é simples preceito, mas tempo propício para nos aproximarmos mais de Deus e dos irmãos.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Dt 5,12-15)

O livro do Deuteronômio, em sua forma presente, é resultado de longo processo de formação. A redação do Decálogo, como é apresentada no texto desta liturgia, é muito posterior ao evento da entrega da Torá no monte Sinai, quando o povo caminhava pelo deserto. O texto final do Deuteronômio que ouvimos neste domingo divide-se em três grandes seções, com os discursos de Moisés. A primeira leitura de hoje situa-se na parte inicial do livro. Trata-se do mandamento referente ao dia consagrado ao Senhor, o sábado. O Senhor Deus dirige-se à assembleia reunida e declara que o dia do sábado deve ser guardado para a santificação da comunidade dos fiéis.

Como o sábado pertence ao Senhor, é claro que não deve ser um dia comum de trabalho. Sua observância é um elemento central para preservar a identidade do povo escolhido. O repouso sabático tinha uma função religiosa e espiritual, pois era o dia em que o povo se reunia para louvar a Deus. Mas também tinha uma função social, que consistia em manter o ideal de justiça, com

igualdade de direito ao descanso para as várias categorias sociais, incluindo os escravos e estrangeiros.

O fundamento teológico da observância do sábado relaciona-se com o evento da libertação do Egito. De fato, todo o livro do Deuteronômio faz grande memória histórica da escravidão de Israel no Egito, e a libertação nela se insere como a grande intervenção divina que transformou radicalmente a vida do povo. De um grupo de escravos, Deus constituiu um povo livre para servi-lo. Portanto, o preceito do sábado funciona como símbolo dos deveres do povo para com o Senhor Deus, o libertador de Israel.

2. II leitura (2Cor 4,6-11)

O ponto central da segunda leitura é a descrição autobiográfica do apóstolo Paulo. Seus adversários interpretavam suas provações e tribulações como contradições com sua reivindicação de ser apóstolo. Tal debilidade não poderia ministrar o poder salvador de Deus. Em sua réplica, Paulo insiste que sofrer é parte integrante do apostolado autêntico e da vida cristã. Seus sofrimentos se assemelham aos de Jesus Cristo e lhe possibilitam demonstrar a verdadeira humanidade que Jesus encarnou.

A imagem simbólica do tesouro do ministério em vasos de argila enfatiza os contrastes entre os perigos da morte física e a riqueza do Evangelho anunciado. Para Paulo, a vida e a morte de Cristo estão presentes nas várias situações existenciais, mesmo nas tribulações. Isso é particularmente significativo porque esse discurso do apóstolo está situado no contexto de defesa de seu ministério contra aqueles que procuram depreciá-lo diante da comunidade. Porém, ele reitera que não anuncia a si mesmo, mas sim a glória de Deus, que reflete o rosto de Cristo. Sua mensagem destina-se a demonstrar que Cristo está vivo e presente no seu ministério, mesmo nas fragilidades que encontra em sua missão de anunciar o Evangelho.

3. Evangelho (Mc 2,23-3,6)

O texto do Evangelho segundo Marcos proposto para a liturgia deste domingo é composto de dois episódios. O primeiro deles nos dá exemplos para entender como viver o dia do Senhor, com o relato dos discípulos colhendo espigas de trigo em dia de sábado. O segundo episódio mostra outro confronto com os fariseus, diante da cura que Jesus realiza na sinagoga em dia de sábado. Desse modo, Marcos nos convida a ouvir o que Jesus nos ensina acerca da interpretação correta da instituição do sábado judaico: o sábado foi feito para o ser humano, isto é, para o serviço do bem, para promover a vida na liberdade e na justiça.

Do ponto de vista dos fariseus, os discípulos estavam quebrando a lei do sábado. Colher grãos de trigo para saciar a fome era considerado pelos fariseus como trabalho. Trabalho não era permitido no sábado; portanto, a seu ver, os discípulos estavam desobedecendo ao preceito e pecando. Essa posição dos fariseus se baseava numa interpretação equivocada da Lei mosaica, então Jesus recupera o verdadeiro sentido da observância do dia de sábado, vinculando-o ao serviço da vida. Quanto à controvérsia acerca da autoridade de Jesus para perdoar os pecados e realizar curas em dia de sábado, fica evidente, nos dois exemplos, que o critério da observância desse preceito é a prática do bem, indo ao encontro das necessidades básicas humanas – no caso, saciando a fome e curando as dores físicas em consequência da doença. É importante notar que Jesus não diminui a importância do sábado como dia consagrado ao Senhor, mas redireciona seu sentido e sua finalidade. Ele ensina seus discípulos a se posicionarem com liberdade diante das diversas interpretações que a Lei mosaica foi recebendo na história do povo escolhido.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

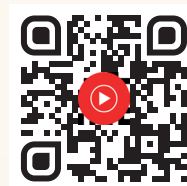
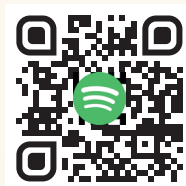
As leituras deste domingo não põem em questionamento a celebração do dia do Senhor, mas a reposicionam de modo que esteja em sintonia com o cuidado dos mais necessitados. A observância do dia consagrado ao Senhor, para os discípulos de Jesus, tem esta dupla função: encontrar-se com Deus, para dar graças e louvores por toda a sua obra, e servir os irmãos na pessoa dos mais necessitados.

As três leituras nos ajudam a entender o que significa a observância do dia de sábado e por que Jesus diz que esse dia consagrado foi feito para o ser humano, e não o contrário. Observar o sábado não consiste apenas em obedecer rigidamente às leis e permanecer na quietude e na dedicação à meditação da Palavra, mas também em fazer o bem aos outros e buscar sempre viver no amor de Deus.

Essa compreensão nos lembra de que é preciso reservar tempo para estar com Deus. Apenas ir à igreja no domingo, celebrar a santa missa no dia do Senhor, não é suficiente. Além de nos encontrarmos com Deus, de sermos alimentados pela sua Palavra e pela Eucaristia, é necessário dedicar tempo para as obras de caridade. Dessa forma, chegamos a conhecer o amor de Deus mais completamente e a viver como Jesus fez, seguindo seu caminho em direção ao Pai.

10º DOMINGO DO TEMPO COMUM

9 de junho



“Quem faz a vontade do Pai é meu irmão, minha irmã e minha mãe!”

I. INTRODUÇÃO GERAL

As leituras novamente nos convidam a refletir sobre a identidade de Jesus e a comunhão que ele deseja estabelecer com

todos aqueles e aquelas que se dispõem a fazer a vontade de Deus. São três leituras impactantes!

O livro de Gênesis, do qual é tirada a primeira leitura, traz a narrativa sobre como o pecado entra no mundo quando o ser humano não ouve a Deus, mas dá ouvidos aos outros. O pecado é contagioso de muitas maneiras, gera conflitos no mundo, e isso nunca cessará, a menos que escolhamos seguir o Senhor Deus. Muitas vezes culpamos os outros pelo pecado em vez de aceitar nossas próprias responsabilidades. O autor desse trecho do Gênesis percebe que no futuro haverá uma batalha entre o pecado e a descendência da mulher. Esse trecho é visto como uma previsão de que a salvação finalmente virá por meio da descendência da mulher.

A segunda leitura vem da segunda carta aos Coríntios. Essa carta nos diz: “aquele que ressuscitou o Senhor Jesus também nos ressuscitará com Jesus e nos colocará junto a vocês na sua presença”. Deus nos colocará com Cristo Jesus, mas primeiro precisa nos refazer à sua imagem, que perdemos por causa do pecado. Essa vida, para todos nós, é uma questão de permitir que Deus nos refaça. Precisamos ser pacientes. Pode ser que achemos que estamos prontos para ver Deus agora, mas, para a maioria de nós, há o reconhecimento de que ainda não estamos tão cheios de amor a ponto de simplesmente entrarmos na presença do Senhor. O texto do Evangelho segundo Marcos nos mostra que todos aqueles que desejam sentir-se parte da família de Jesus e tomar parte do caminho de seu discipulado devem estar em comunhão com ele. Sua atividade de libertação dos poderes do mal não tem nenhum vínculo com as atividades do demônio. Todos aqueles que fazem a vontade do Pai se tornam membros da família de Jesus e sabem discernir as obras de Deus das obras do maligno.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Gn 3,9-15)

A primeira leitura, tomada do livro do Gênesis, faz parte do segundo relato da criação, o único a narrar a transgressão do ser humano às diretivas de Deus para uma vida harmoniosa no jardim do Éden. O texto não consiste na narrativa de um evento histórico, e sim em um modo de perceber as origens do mal no mundo. Para compreender a mensagem do autor sagrado, é necessário ter presente seu contexto histórico, que é a quebra da harmonia do projeto de Deus para seu povo, quando entra a idolatria em Israel.

A pergunta central do relato é o questionamento que Deus dirige ao ser humano: “Onde estás?” Essa indagação não diz respeito a um lugar geográfico, e sim ao lugar existencial em que se encontra o ser humano em relação a Deus e aos que lhe são íntimos. A desobediência às orientações divinas leva a criatura humana a perder seu espaço original de convivência harmoniosa em todos os âmbitos: com Deus, com o outro e com a natureza.

As perguntas do Senhor Deus têm um propósito pedagógico: ajudar o ser humano a tomar consciência de onde está, das reais motivações de suas transgressões e das suas consequências. As respostas do homem e da mulher demonstram a tendência do ser humano a se desresponsabilizar, justificar sua conduta, sua liberdade de escolha, e se desculpar, encontrar a culpa fora de si. A leitura teológica do autor sagrado consiste em evidenciar que o mal não vem de Deus, pois este proporcionou tudo de bom a toda a obra da criação, oferecendo o melhor a todas as criaturas. O mal entrou no mundo porque o ser humano se deixou influenciar pela serpente, símbolo da idolatria, da escuta aos falsos deuses.

2. II leitura (2Cor 4,13-5,1)

Assim como a leitura de Gênesis, a segunda carta aos Coríntios envolve a consciência da batalha espiritual que deve ser travada em

nosso mundo e em cada um de nós pessoalmente, para que estejamos verdadeiramente prontos para “ver o Senhor como ele é” e nos tornarmos semelhantes a ele. Para muitas pessoas, hoje em dia, a vida consiste apenas em aproveitar o máximo que se consegue. Para nós, porém, que seguimos a Cristo, a vida consiste em nos tornarmos o máximo possível como ele, para que possamos refletir a glória do Pai.

Nesse texto, o apóstolo Paulo mostra com que disposição leva adiante seu ministério: onde encontra confiança em meio às tribulações e por que busca a comunhão com Deus e com os irmãos. Ele sabe em quem acreditou. Sua referência à atitude de fé advém da convicção de que o Ressuscitado não o deixa só. Paulo acredita que as tribulações do momento presente não são a palavra definitiva. Ele caminha na total confiança e esperança na vida eterna, quando estará em comunhão plena com Deus. Essa união existencial com Jesus Cristo é essencial para seu ministério apostólico. No entanto, tal união concretiza-se na comunhão eclesial, isto é, com todos os que creem em Cristo. De fato, Paulo deseja estar unido a Jesus Cristo e a todos os destinatários da carta.

3. Evangelho (Mc 3,20-35)

O texto do Evangelho está situado logo após o chamado dos doze apóstolos. Na sequência, Jesus realiza seu primeiro exorcismo. Ao entrar em confronto com o mal, já no início de seu ministério público, Jesus entra em conflito com sua própria família, segundo a narrativa do evangelista Marcos.

Uma multidão tão grande se reúne ao redor de Jesus e de seus discípulos, que eles nem conseguem ter tempo para comer. Sua família vem para levá-lo, pois, segundo o que ouvem, acreditam que ele esteja fora de si. A opinião dos escribas acerca de Jesus é que ele está possuído por satanás. Jesus os faz ver quão absurdo é o pensamento de que

Metodologia exegética do Novo Testamento

Santiago Guijarro



208 págs.

Ilustrações: Inês Catarina

Este manual de metodologia, que busca oferecer um itinerário a quem se inicia na arte da exegese do Novo Testamento, está estruturado em duas partes. A primeira tem por objeto definir o referencial da exegese, a necessidade do estudo crítico da Bíblia e a explicação do texto no contexto. A segunda parte, apresenta sete procedimentos básicos do método exegético.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

usa de satanás para expulsar demônios. Na verdade, é Jesus quem confronta belzebu, o príncipe dos demônios, e o vence. Portanto, a questão central da leitura é a identidade de Jesus em várias perspectivas: da multidão, dos apóstolos, de seus familiares e dos escribas. Há enorme controvérsia acerca de sua pessoa.

Jesus responde a essas controvérsias esclarecendo que todos os pecados podem ser perdoados, exceto a blasfêmia contra o Espírito Santo. Assim, dá a entender que a blasfêmia contra o Espírito Santo seria negar sua verdadeira identidade divina. Tal blasfêmia origina-se na obra do diabo. Em seguida, Marcos traz novamente a família de Jesus em cena, revelando que Jesus não está irmanado por laços de sangue. No final, seus parentes não são apresentados de maneira crítica, mas estão apenas tentando vê-lo. Isso dá a Jesus a oportunidade de destacar que a família, para ele, vai muito além dos laços de sangue, pois se estende a todas as pessoas que fazem a vontade de Deus. Além disso, o relato termina com a afirmação de Jesus sobre quem é, de fato, sua família, refundando os laços familiares na obediência à vontade de Deus Pai. Para fazer parte de sua família, é essencial ter a mesma atitude dele e estar em comunhão com seu projeto de realizar o plano do Pai.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O tema central das leituras deste domingo é a reflexão acerca da identidade de Jesus. O evangelista Marcos nos mostra que, desde o início do cristianismo, os cristãos sentiram a necessidade de que a comunidade de fé tivesse muita clareza sobre quem era Jesus Cristo. Ainda hoje, essa questão continua a ser pertinente e essencial para os batizados. Para quem é membro da comunidade cristã, não pode haver dúvidas sobre quem Jesus é de fato, e as respostas ou opiniões que vêm de fora

da comunidade não devem abalar nossas convicções, nossa fé e nosso pertencimento à sua família espiritual.

Fazer parte da família universal de Jesus é a vocação fundamental para os cristãos de todos os tempos. Tomar parte nessa família requer formar comunidades fraternas, centradas na pessoa de Jesus Cristo e dispostas a fazer a vontade de Deus. Para seguir Jesus Cristo, é fundamental identificar quais obras procedem de Deus Pai e quais obras pertencem ao demônio. O Espírito Santo é a fonte do discernimento das obras do bem e do mal.

O demônio pode nos envenenar com sentimentos de ódio, rivalidade, inveja, mentira, vícios destrutivos. Por isso, temos de estar sempre vigilantes, deixando-nos conduzir pelo Espírito Santo. No dia a dia, isso significa não adotar como fonte de discernimento certas práticas esotéricas – por exemplo, cartomancia, horóscopos etc. – para buscar soluções para os problemas. Pelo batismo, fomos revestidos das luzes do Espírito Santo, e isso nos basta.

11º DOMINGO DO TEMPO COMUM

16 de junho



O Reino de Deus é semelhante ao grão de mostarda

I. INTRODUÇÃO GERAL

Na tradição bíblica, há forte ênfase no fato de que Deus usa pequenas coisas para fazer grandes coisas acontecer. Isso nos alerta contra o menosprezo aos começos pequenos, aos eventos insignificantes e às pessoas simples ou anônimas, que podem levar ao cumprimento dos propósitos de Deus. Enquanto

o sucesso e o poder superam o fracasso e a fraqueza, de acordo com a lógica da cultura popular, é a vulnerabilidade, a impotência e a pequenez que prevalecem, de acordo com a lógica da Bíblia.

Na primeira leitura, Ezequiel profetiza que Deus remodelará Israel, apesar das ameaças à própria existência do povo. Ele exerce seu ministério profético em um momento muito tumultuado na história do povo escolhido. A era dourada de Davi e Salomão havia terminado. Israel se tornou uma casa dividida e uma peça nas mãos de reinos muito mais poderosos, como Babilônia, Egito e Pérsia. O povo de Deus enfrentou violência chocante, guerra, invasões e ocupação. Sua fé foi testada até os limites extremos. No entanto, no meio desse tumulto prolongado, o profeta os fortaleceu com uma mensagem de esperança. Ele usou a metáfora do pequeno ramo novo, semelhante à imagem do tronco de Jessé em Isaías, para descrever a revitalização de Israel.

Na segunda leitura, tirada da segunda carta aos Coríntios, Paulo expressa o desejo de estar “com o Senhor”. O texto sugere que o apóstolo vê sua presente existência apostólica como um exílio. A tarefa atual, no entanto, é viver de tal forma, que sejamos considerados dignos desse destino tão esperado.

Seguindo a tradição profética, Jesus fala do Reino no contexto das expectativas populares de um Messias semelhante a César. Ele já havia experimentado uma recepção fria por parte de seus próprios conterrâneos. Foi um desapontamento e uma realidade dura após o sucesso inicial em seu ministério de pregação e cura. Também foi uma lição sóbria para aqueles que o seguiam. Eles não deveriam ter ilusões sobre o tipo de Messias que Jesus era e o que significava ser seu discípulo. O Evangelho de Marcos deixa claro que Jesus não é um herói no sentido convencional. Em vez disso, ele é totalmente um anti-herói, pois age na perspectiva dos pequenos.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ez 17,22-24)

A primeira leitura, tirada do livro do profeta Ezequiel, expressa a dura realidade do exílio da Babilônia. Ezequiel é chamado a exercer sua missão profética entre os exilados, para manter viva a esperança de que Deus não abandonou seu povo. Ele dirige sua mensagem em forma de oráculo, propondo um enigma, uma parábola a ser decifrada.

O oráculo proferido por Ezequiel, em forma de parábola, apresenta a imagem de Deus plantando um ramo novo de um cedro frondoso, para retratar sua fidelidade às promessas. A mensagem profética assegura aos exilados que Deus cuida de seu povo escolhido como um agricultor cuida da plantação de seu campo, pois Ele mesmo é quem toma o ramo novo e o planta, para que se torne nova árvore. Desse modo, o texto sublinha a presença onipotente de Deus, que conduz a história. Ele sempre toma a iniciativa do cuidado por seu povo, e quem preside a história humana não são os governantes deste mundo, pois Deus é o único soberano que tem controle absoluto da história. É precisamente neste ponto que a parábola narrada pelo profeta encontra sua explicação: os exilados não devem depositar a confiança nas autoridades políticas de seu tempo nem alimentar ilusões, pois somente Deus cuida verdadeiramente do povo escolhido, quaisquer que sejam as circunstâncias ou dificuldades pelas quais esteja passando.

2. II leitura (2Cor 5,6-10)

No texto que nos é proposto na segunda leitura, Paulo reflete com a comunidade de Corinto acerca do presente e do futuro da vida nova em Cristo. Para ele, a vida terrena é passageira, mortal; este mundo não é nossa pátria definitiva. O apóstolo compara a vida presente a um exílio, no sentido de que a vida em plena comunhão com Deus só se realizará no futuro, quando nos encontrarmos face a face com ele. Na visão do texto, o

tempo de exílio neste mundo caracteriza-se por um conhecimento parcial de Deus; é o tempo da fé, um tempo transitório.

Para Paulo, a perspectiva da esperança na vida nova em Cristo, plena e eterna, não significa o acomodar-se diante das responsabilidades terrenas, pois aos cristãos compete, enquanto habitam no corpo mortal, viver de acordo com as exigências de Deus, caminhar à luz da fé, assumir de forma radical os compromissos de discípulos de Cristo, trabalhando intensamente para que seu Reino seja uma realidade. A grande preocupação de Paulo é lembrar aos cristãos sua condição de peregrinos neste mundo, cujo destino final é a vida em plena comunhão com Deus.

3. Evangelho (Mc 4,26-34)

No Evangelho segundo Marcos, Jesus parece relutante em revelar sua identidade de Filho de Deus. Após realizar milagres de cura, ele adverte aqueles que foram curados de que não deveriam contar o acontecido a ninguém. Além disso, ao pregar, escolhe falar para as multidões por meio de parábolas, deixando-lhes a missão de interpretá-las. Somente aos seus discípulos Jesus explica o significado das parábolas, e isso em particular, em um momento posterior.

O texto desta liturgia consiste em duas parábolas sobre sementes. Na primeira, Jesus diz àqueles que estão reunidos que o Reino de Deus se assemelha à semente. Um homem espalha na terra sementes que, ao longo do tempo, germinam e se desenvolvem. Quando os grãos estão maduros, o homem recolhe os frutos. A ênfase da parábola está na semente, que aparentemente tem o poder de crescer por si mesma. Nisso ela é semelhante ao Reino de Deus que Jesus veio semear. A Jesus interessa apenas o fato de que, entre a semente e a colheita, a semente cresce e frutifica por si mesma. O resultado final não depende da ação humana. Portanto, a parábola convida à confiança serena em que, quando se semeia, Deus garante os resultados.

A segunda parábola foca na pequena semente de mostarda. Embora não seja a menor de todas as sementes, é muito provável que seja a menor entre as sementes conhecidas por um agricultor do século I da região onde Jesus vivia. Pequena como é, ela se transforma em uma planta volumosa. Embora essa planta seja um arbusto com altura muito inferior à de uma árvore, ela tem ampla extensão e fornece um local para os pássaros fazerem ninhos. Assim como a árvore acolhe os pássaros, o Reino de Deus tem um início quase invisível, mas se desenvolve de forma surpreendente, tornando-se acolhedor e aberto a muitos.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

As parábolas são pequenas histórias que recolhem ditos de sabedoria popular. São um fenômeno do mundo hebraico que consiste em escolher falar de modo indireto, em vez de empregar um discurso direto. Jesus muitas vezes utilizou parábolas para transmitir ensinamentos. Esse modo de ensinar, típico dos mestres de seu tempo, tinha como base histórias curtas e era muito usado por ele sempre que queria falar algo que estava próximo ao seu coração. Ademais, seu ensinamento não consistia apenas em transmitir conceitos acerca da verdade, mas tinha por objetivo, sobretudo, conduzir seus seguidores à prática da caridade, do bem, da justiça e do cuidado com o próximo. Em sua missão terrena, Jesus plantou as sementes do Reino por meio de palavras e gestos. No entanto, o Reino de Deus ainda não está completamente estabelecido. Embora já presente em Jesus e em seu grupo de doze discípulos, ele ainda precisa frutificar. Assim como a semente na parábola precisa de tempo para crescer, também a missão de construir o Reino de Deus envolve o semear, o crescer e o frutificar. Isso exige tempo, dedicação, cuidado e paciência.

Nossa fé, assim como as sementes plantadas na terra, assim como o grão de mostarda, cresce à medida que pomos em prática os

ensinamentos de Jesus e nos leva a realizar coisas grandiosas e surpreendentes, à semelhança das imagens presentes nas parábolas do Evangelho deste domingo. À medida que cresce, ela nos conduz a Cristo e, conseqüentemente, ao seu Reino. Nossa fé também atrai outros para Cristo e para sua Igreja – sinal visível do Reino de Deus na terra. Como Cristo diz: “As aves do céu vêm se abrigar sob seus ramos”.

Como nossa fé atrai outros para Cristo? Quando demonstramos ou testemunhamos bem nossa fé individual e coletiva, o resultado é excelente. Vidas podem ser tocadas e transformadas. Ao continuarmos a missão de Jesus, semeando o Reino de Deus, nossa preocupação não deve ser sobre como a Palavra se desenvolve no coração das pessoas, pois o agir é de Deus; nossa missão consiste em semear sempre e em todos os lugares. A eficácia do crescimento pertence a Deus. A referência à pequenez, na segunda parábola, convida-nos a rever os critérios de nossa atuação no mundo, a qual não deve ocorrer na perspectiva da grandiosidade, mas da qualidade de nosso testemunho e dedicação.

12º DOMINGO DO TEMPO COMUM

23 de junho



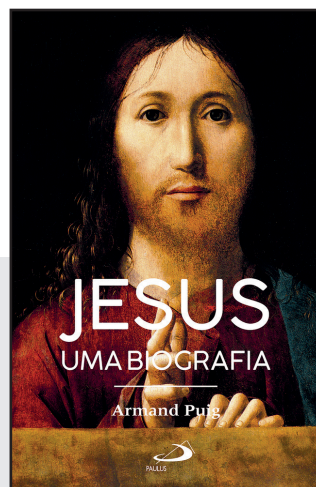
Não tenham medo: o Senhor acalmará a tempestade!

I. INTRODUÇÃO GERAL

Nas leituras deste domingo, a santa mãe Igreja encoraja seus filhos e filhas a confiar que Cristo está conosco em meio a todas as tempestades desta vida. A presença cuidadosa e amorosa de Deus nos momentos difíceis deve ser, para nós, motivo de celebração e

Jesus: uma biografia

Armand Puig



704 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra que Armand Puig nos oferece, *Jesus, uma biografia*, trata-se de uma apresentação minuciosa e serena dos dados históricos disponíveis a respeito de Jesus, “que não pressupõe, necessariamente, qualquer convicção religiosa em quem o lê” (p.638); pelo contrário, a todos dá acesso às investigações em curso.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

agradecimento. A confiança em que não estamos sozinhos nas adversidades e provações é algo que nos enche de alegria.

A primeira leitura, do livro de Jó, relata o drama humano de inúmeros sofrimentos. Durante todo esse livro, Jó tem sido vítima de um desastre após o outro. Ele perdeu seus filhos e suas posses e foi acometido de grave doença. Em meio a tudo isso, porém, permaneceu fiel a Deus. Sua história toca a finitude e a pequenez do ser humano, que nem sempre consegue compreender a lógica dos planos divinos. No entanto, Deus constantemente cuida da obra da criação.

Na segunda leitura, Paulo reflete sobre as motivações e os princípios que norteiam sua atividade apostólica. Ele partilha com a comunidade de Corinto sua experiência do amor de Cristo. Por isso, sua missão tem como único objetivo tornar esse amor conhecido, para que seus destinatários possam também fazer essa experiência, tornando-se novas criaturas em Cristo.

No texto do Evangelho, em continuidade com o domingo anterior, Jesus, após ensinar a multidão com parábolas, leva seus discípulos para longe das multidões, subindo no barco com eles para atravessar o mar da Galileia. O mar e sua área circundante são os cenários para os ensinamentos e milagres de Jesus nessa parte do Evangelho de Marcos. A leitura deste dia descreve que eles enfrentaram grande tormenta, porém Jesus é o Filho de Deus que tem autoridade e domínio para acalmar a tempestade em alto-mar. Esse é o primeiro de quatro milagres que são apresentados em sequência nesse ponto do Evangelho de Marcos.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Jó 38,1.8-11)

O livro de Jó pertence ao gênero sapiencial do Antigo Testamento. É um clássico desse gênero não só pela

sua extraordinária beleza literária, mas também pelo fato de abordar questões existenciais que tocam o íntimo da vida humana, particularmente os sofrimentos. A história do personagem Jó serve de pretexto para introduzir temas cruciais que afligem a humanidade.

A leitura começa pela resposta do Senhor Deus às interrogações de Jó em meio às tempestades que enfrenta em sua vida. A grande interrogação do texto serve para emoldurar a resposta sobre como Deus se manifesta à criatura humana com seu poder de transformar as situações de dor em bênçãos e curas. Depois de se apresentar como o grande arquiteto de toda a obra da criação, ele se revela aquele que tem controle sobre tudo, incluindo o mar. Ao recordar Jó de sua ação criadora sobre o mar, Deus apresenta-se, primeiramente, como divindade intocável na sua transcendência e majestade; em seguida, mostra que tem um plano estável, amadurecido e irrevogável para toda a sua criação. E quem é Jó para pôr em dúvida os desígnios do Criador?

O texto conclui com a reflexão sobre a situação de finitude e limitação do ser humano, que por isso nem sempre consegue ver e perceber o alcance e o sentido último do projeto de Deus para a obra da criação. Em síntese, a leitura nos atesta que somente Deus tem as respostas; ao ser humano resta reconhecer os limites de sua condição de criatura e se pôr nas mãos de Deus, que cuida com carinho da obra da criação.

2. II leitura (2Cor 5,14-17)

O texto que nos é proposto na segunda leitura integra as questões pastorais abordadas por Paulo na sua primeira carta aos Coríntios. O apóstolo retoma a motivação de seu ministério de anunciar o Evangelho de Jesus Cristo. O que o move nesse ministério é sua experiência pessoal de deixar-se

absorver pelo amor de Cristo. Por isso, sua ação apostólica só tem um objetivo: levar o amor de Cristo ao conhecimento das pessoas; anunciar que Cristo morreu por todos a fim de vencer as armadilhas do pecado e levar todos a abandonar os esquemas do pecado e do egoísmo.

Com muita franqueza, o apóstolo admite que, no passado, entendeu de forma equivocada a pessoa de Jesus Cristo, enxergando-o de modo humano. Assim, não percebeu sua doação total até a morte de cruz como expressão do amor doado até as últimas consequências. No entanto, seu encontro com o Ressuscitado no caminho de Damasco transformou totalmente sua vida e a compreensão da pessoa de Jesus Cristo. Esse encontro com o Senhor o transformou em nova criatura. Ele agora consegue olhar o mundo e as pessoas na ótica de Cristo. Consegue deixar que Cristo atue na sua pessoa. Por isso, sente-se impelido a partilhar essa experiência de fé tão profunda, que fez dele nova criatura.

3. Evangelho (Mc 4,35-41)

Como é típico no Evangelho de Marcos, os discípulos de Jesus, no trecho deste domingo, fazem pouco para inspirar confiança no leitor, mostrando-se assustados com a tempestade repentina. Marcos observa o contraste entre o terror dos discípulos e a paz de Jesus. O Mestre está dormindo, sem se perturbar com o que está acontecendo ao seu redor.

As palavras dos discípulos são reveladoras. Eles estão suficientemente familiarizados com Jesus para se atreverem a acordá-lo. São palavras cheias de reprovação, questionando seu cuidado por eles. Um leitor atento poderia perguntar-se o que os discípulos esperavam que Jesus fizesse. Eles estão mais perturbados pela tempestade ou pela falta de atenção de Jesus às suas necessidades? Quantos de nós já repreendemos

um membro da família ou amigo por não concordar com nossa avaliação da gravidade de uma situação?

O Evangelho oferece evidências do poder e autoridade de Jesus ao mostrá-lo acalmado a tempestade. O poder sobre a natureza era considerado um sinal de divindade – somente Deus acalma tempestades. A repreensão de Jesus à tempestade também ecoa sua repreensão ao expulsar demônios. Em cada situação, seu poder e autoridade são um sinal de sua divindade. De fato, os discípulos ficam se perguntando sobre a identidade de Jesus até o final do relato. Eles veem diante de si um ser humano que age com a autoridade e o poder de Deus. A incerteza dos discípulos sobre a identidade de Jesus é um tema recorrente no Evangelho de Marcos e um constante chamado a reconhecer sua divindade.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

As tempestades apresentadas na primeira leitura e no Evangelho são metáforas das muitas situações difíceis pelas quais passamos em nossa vida. Estamos no barco, as tempestades estão furiosas ao nosso redor, e, como os discípulos, podemos acreditar que Jesus não se importa ou está dormindo. Esperamos estar tão familiarizados com Jesus quanto seus discípulos. Se sentirmos que Jesus está dormindo, estaremos à vontade para acordá-lo e apresentar-lhe nossas necessidades? Jesus não repreende seus discípulos por acordá-lo. Em vez disso, repreende-os por falta de fé, por falta de perspectiva. Quando levamos nossas preocupações a Deus em oração, talvez comecemos a aprender a ver as coisas em sua perspectiva.

Muitas vezes, ao longo do nosso caminho de discipulado, podemos nos sentir sozinhos e confrontados com a oposição e a incompreensão do mundo, como os discípulos no barco com Jesus. Experimentar a impotência e a fragilidade diante de grandes adversidades

pode nos angustiar e nos fazer ter o sentimento de que Jesus nos abandonou. O Evangelho desta liturgia nos assegura que Jesus nunca fica de fora do barco dos discípulos. Ele está sempre embarcando conosco nas aventuras da missão, para nos dar segurança e paz. Nos momentos de crise, de desânimo e medo, somos desafiados a descobrir como ele está presente em nossa vida e como cuida de nós.

SOLENIDADE DE SÃO PEDRO
E SÃO PAULO

30 de junho



Dois testemunhos de fidelidade à vocação apostólica

I. INTRODUÇÃO GERAL

Hoje celebramos a solenidade de dois apóstolos que tiveram grande importância na Igreja primitiva: Pedro e Paulo. Cada qual com sua personalidade e missão, são considerados os dois pilares da Igreja. Embora tenham sido martirizados, em datas diferentes, sob imperadores romanos que ordenaram a perseguição aos cristãos em todo o Império Romano no primeiro século, são venerados juntos, em 29 de junho ou no domingo próximo. A primeira leitura nos fala sobre a miraculosa fuga de Pedro da prisão, pois um anjo veio e o libertou. A segunda leitura apresenta, em forma de testamento, o olhar retrospectivo de Paulo sobre como ele respondeu ao chamado de Jesus Cristo e se comprometeu com o Evangelho. O Evangelho segundo Mateus nos mostra por que o apóstolo Pedro é tão importante em nossa história cristã: ele proclama claramente que Jesus é o Cristo e o Filho do Deus vivo.

Jesus, por sua vez, diz que estabelecerá sua Igreja sobre a pessoa de Pedro, identificado com a firmeza de uma rocha.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 12,1-11)

O texto que nos é proposto para a primeira leitura encerra o primeiro ciclo da missão da Igreja na perspectiva de Lucas. O autor dos Atos narra a perseguição sofrida pela Igreja, o que não impede sua missão e expansão no mundo. Se, por um lado, a perseguição faz parte de um projeto político do Império Romano, com a aprovação de algumas autoridades religiosas judaicas, por outro, Deus se serve desses acontecimentos para expandir o anúncio do Evangelho a outros lugares.

O pano de fundo dessa leitura é o fato de a comunidade cristã, representada por Pedro, ter como missão dar testemunho da fé em Jesus Cristo e de seu projeto de salvação até os confins do mundo e, por isso, não se fechar diante das ameaças e perseguições. A Igreja nasce pela ação do Ressuscitado, que envia seus discípulos em missão, fortalecendo-os com o dom do Espírito Santo.

A história de Pedro que hoje nos é narrada garante-nos que, nos momentos de perseguição e oposição, Deus está próximo de nós. Também nos ensina que a unidade dos membros da comunidade cristã e sua oração são essenciais para a perseverança na missão. A perseguição não atingiu apenas a pessoa de Pedro, mas também os outros membros da comunidade e impactou a todos. A presença do Ressuscitado e do Espírito Santo, por sua vez, é reconfortante e libertadora. Por isso, a Igreja não se fecha em si mesma e continua com coragem o anúncio do Evangelho. A oração se torna, assim, forte corrente de fé e de solidariedade com os membros que estão diretamente sofrendo com as provações da vida apostólica.

2. II leitura (2Tm 4,6-8.17-18)

A segunda leitura apresenta o discípulo Timóteo como o destinatário dessa carta pastoral. Ele era um cristão da Ásia Menor, de origem greco-judaica, que foi catequizado por Paulo, tornando-se seu companheiro de missão e servindo em várias comunidades cristãs da Ásia Menor. Segundo a tradição, foi o primeiro bispo da Igreja de Éfeso. Essa carta provavelmente foi escrita por um discípulo de Paulo, pois já não reflete a realidade de primeiro anúncio desenvolvida pelo apóstolo, e sim de solidificação e de fortalecimento da identidade cristã.

De qualquer forma, o autor sagrado que escreve essa carta refere-se a Paulo como uma pessoa que se deixou transformar integralmente pelo amor de Jesus Cristo e seu Evangelho. A carta é situada em uma época em que as comunidades cristãs enfrentavam perseguições sistemáticas, seja por parte do Império Romano, seja por parte de judeus radicais. Por isso, o autor põe na boca de Paulo o lamento de um homem cansado, que tem consciência de ter oferecido sua vida como dom aos irmãos e chega ao final se sentindo sozinho na caminhada – o que não o impede, contudo, de elevar uma prece de louvor a Deus pela sua presença contínua em sua vida. Está convencido de que Deus está com ele e de que a glória futura que herdarão não se compara com os sofrimentos da vida presente. É a atitude madura do apóstolo que põe toda a sua vida a serviço da Igreja e dos irmãos, sem esperar nada em troca.

3. Evangelho (Mt 16,13-19)

O episódio relatado neste domingo situa-se no norte da Galileia, em Cesareia de Filipe. Ele ocupa um lugar central no Evangelho segundo Mateus. Jesus está em plena atividade com seus discípulos, quando começa a ficar mais evidente sua morte na

Jesus, o messias dos pobres: Por uma teologia do messianismo libertador e integral

Donizete Scardelai e Luiz Alexandre Solano Rossi



456 págs.

linguagem metalinguagem literária



A obra *Jesus, o messias dos pobres* aborda a imensa diversidade de textos e tradições orais que tratam do messianismo em Israel. Os autores colocam um olhar crítico e profundo da realidade bíblica, intertestamentária e rabínica, desenvolvendo com primor a afirmação do professor Israel Knohl: “Há messias antes do messias”.



Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

cruz. Depois do êxito inicial de sua missão pública, ele começa a encontrar resistências e oposições por parte de autoridades religiosas judaicas.

A leitura apresenta duas partes distintas. Na primeira parte, Jesus interroga duplamente seus discípulos: acerca do que o povo pensa a seu respeito e do que seus discípulos pensam dele. O povo, em geral, vê em Jesus uma continuidade com profetas do passado, não consegue apreender a novidade que Ele significa. Apenas o reconhece como uma liderança religiosa chamada e enviada por Deus em favor de seu povo. Portanto, na opinião da multidão, Jesus é um homem bondoso, justo, generoso, que acolhe os pobres, os excluídos, os pecadores, as mulheres, enfim, todas as categorias de pessoas que eram discriminadas pelas autoridades judaicas.

Quanto à opinião dos discípulos acerca de Jesus, vai muito além daquela que tinha a população comum. Pedro, em nome da comunidade dos discípulos, faz a profissão de fé, confessando que Jesus é o Messias, o enviado de Deus. Definir Jesus como Filho de Deus significa reconhecer que sua origem é divina, que ele está em profunda comunhão com Deus e seu projeto de vida vem de Deus. Diante dessa confissão de fé, Jesus felicita Pedro por ter tanta clareza acerca de sua identidade. No entanto, essa compreensão não é mérito do apóstolo, pois se trata de verdade revelada por Deus. Ainda assim, Jesus declara que Pedro é a rocha sobre a qual construirá sua Igreja. A ele entregará as chaves, porque estas serão entregues a alguém de sua plena confiança. É grande a confiança que Jesus deposita em Pedro. É a essa comunidade representada por esse apóstolo que Jesus confia a missão de cuidar de suas ovelhas. Certamente o protagonismo de Pedro era muito conhecido na comunidade de Mateus, na qual provavelmente ele teve um papel muito importante, que não foi esquecido.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

As leituras da solenidade de Pedro e Paulo apóstolos nos convidam, como membros batizados da Igreja, a viver as dimensões tanto do testemunho de Pedro quanto do de Paulo em nossa vida. Somos chamados a ser uma rocha forte, estável, segura e, ao mesmo tempo, ter o espírito missionário.

Esses dois apóstolos, que deram grande testemunho de fé em Jesus Cristo, tinham origens completamente diferentes; um era pescador, o outro um estudioso, profundo conhecedor das tradições de seu povo. Um caminhou pessoalmente com Jesus por anos, o outro o encontrou após a ressurreição. Nem sempre concordavam. Porém, suas vidas e ministérios tinham paralelos notáveis. Seus caminhos nem sempre foram fáceis: ambos foram aprisionados várias vezes; ambos foram libertados milagrosamente da prisão; ambos dedicaram a vida inteira à construção da Igreja; e ambos deram a vida como mártires da fé.

Mesmo que Pedro e Paulo sejam diferentes, são necessários na Igreja, porque se complementam. Precisamos de estabilidade, simbolizada por Pedro, e de mobilidade, caracterizada por Paulo. Ambos os dons são necessários, e por isso é importante vê-los como partes do corpo que trabalham juntas para um propósito. Somos uma comunidade de pessoas, e alguns de nós gostam de viajar como missionários, enquanto outros preferem ficar em casa.

Assim como o Senhor chamou São Pedro e São Paulo de maneiras diferentes, somos chamados de várias maneiras para segui-lo ao longo de nossa vida. Não podemos ignorar esse chamado. Cumpramos ouvi-lo e responder generosamente. Como São Paulo, lutemos a boa luta, correndo em direção à linha de chegada, perseverando na nossa fé.

VP

UMA VERDADEIRA ENCICLOPÉDIA BÍBLICA



Leitura ágil
e agradável.

Artigos especializados sobre temas da teologia e da pesquisa bíblica

O Novo Comentário Bíblico São Jerônimo é uma verdadeira enciclopédia bíblica, na qual, além de uma introdução e um comentário a cada um dos livros bíblicos, encontram-se também artigos mais amplos concernentes à história de Israel, à teologia bíblica e à hermenêutica. As obras destinam-se não só a exegetas e teólogos, mas também a pregadores, missionários, catequistas, pesquisadores de outras áreas do conhecimento e toda pessoa que busca informações consistentes e abalizadas sobre o livro da Palavra de Deus.

loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 08000-164011
WhatsApp: (11) 99974-1840
assinaturas@paulus.com.br
f @ @editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!



Viva a espiritualidade todos os dias com a Liturgia Diária da Paulus

A Liturgia Diária da Paulus torna a vivência da fé mais significativa e próxima do cotidiano. Descubra este subsídio mensal que contempla toda a caminhada litúrgica de cada mês. Rico e atualizado, este subsídio contempla opções de orações eucarísticas, comentários dos santos e das leituras de cada dia, cantos e círculo bíblico para cada domingo.



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 08000-164011
WhatsApp: (11) 99974-1840
assinaturas@paulus.com.br
f @ @editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!


PAULUS